

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

HELBA ROCHA DO NASCIMENTO

**FÉ, CRIMINALIDADES E DIVERSÕES:
AS FESTAS NATALINAS EM ARACAJU
(1940-1950)**

**São Cristóvão – SE
2008**

HELBA ROCHA DO NASCIMENTO

**FÉ, CRIMINALIDADES E DIVERSÕES:
AS FESTAS NATALINAS EM ARACAJU
(1940-1950)**

Monografia apresentada à disciplina Prática de Pesquisa II como requisito básico para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade federal de Sergipe – UFS.

ORIENTADOR:
Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Sousa

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

N244f Nascimento, Helba Rocha do
Fé, criminalidades e diversões: as festas natalinas
em Aracaju (1940-1950). – São Cristóvão, 2008.
62 f.

Monografia (Licenciatura em História) –
Departamento de História, Centro de Educação e
Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe,
2008.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Sousa

1. História – Aracaju. 2. Comemorações religiosas -
Natal. 3. Criminalidade. 4. Festas populares. I. Título.

CDU 94:2:323.285

*Dedico este trabalho a Deus, aos
meus pais (Antônio e Marilena),
aos meus irmãos e sobrinhas e ao
meu noivo.*

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não seria possível sem a ajuda primeiramente de Deus, o apoio da minha família e do meu noivo. Porém, outras pessoas também contribuíram de forma significativa para a elaboração deste trabalho. Pessoas estas que, na longa e exaustiva rotina de pesquisa me possibilitaram o acesso às fontes as quais foram de suma importância na construção das informações aqui contidas.

Agradeço aos funcionários da Biblioteca Central da UFS pela atenção a mim dada e pela boa vontade em me atenderem.

Aos funcionários e estagiários do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe pela paciência e pelo bom atendimento.

Aos funcionários do Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe, em especial as pessoas de Margarida, Ana Isabel, Gislaine e Joice.

Aos professores do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, os quais contribuíram de forma bastante significativa para a minha formação acadêmica. De forma muito carinhosa agradeço ao meu “eterno mestre”: Antônio Lindvaldo Sousa, o qual me proporcionou além de conhecimento enorme admiração. Esse professor foi fundamental para o término dessa etapa.

RESUMO

O presente trabalho tem a finalidade de abordar as Festas de Natal realizadas em Aracaju durante as décadas de 1940 e 1950. Essas festas eram realizadas na Praça Olímpio Campos, também conhecida como Praça da Matriz, iniciavam no dia 08 de dezembro com a Procissão em homenagem a Padroeira da Capital- Nossa Senhora da Conceição- e acabava no dia 06 de janeiro, dia em que se comemorava as Festas de Reis.

É inquestionável que tais festividades trouxeram consigo uma vasta programação contendo tanto atividades religiosas (missas, procissões, etc.) quanto lúdicas (jogos, brincadeiras, bebedeiras, enfim) e que durante esse período também havia um cotidiano que diferia daquela rotina de alegria, diversão e fé que o homem aracajuano estava vivenciando nessas festas. Exemplo disso foram os momentos de angústia e dor que muitas pessoas, vítimas de crimes como homicídios, espancamentos, etc., passaram numa época em que se pregava a paz, a harmonia, a esperança. Nesse sentido, a intenção do trabalho é mostrar todo o universo que perfazia as festas de natal, destacando tanto os seus aspectos religiosos e lúdicos quanto e os crimes que fizeram parte desse contexto e que constituíram um cotidiano diferente da rotina de alegria, diversão e fé que essas festas trouxeram para o aracajuano durante as décadas de 1940 e 1950.

Palavras - chaves: História, Festas Populares, Religiosidade, Criminalidades, Aracaju.

ABSTRACT

The present work has the purpose to approach the carried through Parties of Christmas in Aracaju during the decades of 1940 and 1950. These parties were carried through in the Olímpio Square Fields, also known as Square of the Matrix, initiated in day 08 of December with the Procession in homage the Padroeira of the Capital Ours Lady of the Conceição- and finished in day 06 of January, day where if it commemorated the Parties of Kings.

It is unquestioned that such festividades had brought obtain a vast programming contend as many religious activities (masses, processions, etc.) how much playful (games, tricks, drunknesses, at last) and that during this period also it had a daily one that differed from that routine of joy, diversion and faith that the aracajuano man was living deeply in these parties. Example of this had been the moments of anguish and pain that many people, victims of crimes as homicides, beatings, etc., had passed at a time where if she nailed the peace, the harmony, the hope. In this direction, the intention of the work is to all show the universe that perfazia the Christmas parties, detaching in such a way its religious and playful aspects how much and the crimes that had been part of this context and that they had constituted daily a different one of the joy routine, diversion and faith that these parties had brought for the aracajuano during the decades of 1940 and 1950.

Words Keys: Popular history, Parties, Religiosidade, Criminalidades, Aracaju.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

RESUMO

NOMENCLATURA

INTRODUÇÃO.....08

**1. AS FESTAS NATALINAS NA PRAÇA DA MATRIZ E O SEU
CARÁTER RELIGIOSO**

1.1. AS FESTAS DE NATAL NA PRAÇA DA MATRIZ

(1940-1950)11

1.2. A IMPORTÂNCIA DO NATAL SEGUNDO AS MISSAS12

1.3. PROCISSÕES: MOMENTO DE FÉ E DEVOÇÃO

DO ARACAJUANO.....14

**1.4. FESTA DE REIS E FESTA DE SÃO BENEDITO FINALIZANDO OS
FESTEJOS NATALINOS DA CAPITAL16**

2. FESTAS DE NATAL: CRIMINALIDADES E DIVERSÃO

2.1. O CRIME CONTRA FILOMENA MATOS E OUTROS CRIMES18

2.2. UM OUTRO OLHAR SOBRE AS FESTAS DE NATAL EM

ARACAJU: DÉCADAS DE 1940 E 195020

**3. MANIFESTAÇÕES POPULARES NAS FESTAS DE NATAL DE ARACAJU:
A CHEGANÇA DE ZÉ DO PÃO**

**3.1. CHEGANÇA DO ZÉ DO PÃO: A ALEGRIA DAS DANÇAS E DAS
MÚSICAS POPULARES NA PRAÇA DA MATRIZ30**

3.2. A CHEGANÇA DO ZÉ DO PÃO E OUTRAS CHEGANÇAS

NA HISTORIOGRAFIA SERGIPANA33

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....42

5. FONTES.....	44
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
7. ANEXOS I :ILUSTRAÇÕES	49
8. ANEXOS II: PROCESSOS JUDICIAIS E JORNAIS	54
9. ANEXOS III: TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS E CARTAS DE CESSÃO	58

NOMENCLATURA

SIGLAS

AJES- Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe

BICEN- Biblioteca Central

IHGS- Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

UNIT- Universidade Tiradentes

UFS- Universidade Federal de Sergipe

“ Mas como a festa é paradoxo, embora refira-se a um objeto sagrado ou sacralizado, tem também necessidade de comportamentos profanos. Nesse sentido a festa comporta uma multiplicidade de atividades de naturezas diversas, o que a distingue de uma simples cerimônia ”.¹

¹ BARROS, Marcelo; BERKENBROCK, Volney J. , COELHO, Antônio Carlos; KONINGS, Johan; MAGALHÃES, Beatriz Ricardina de; PASSOS, Mauro; PEREZ, Lea Freitas; WEBER, Franz. *A Festa na Vida: Significado e Imagens*. Mário passos (org.). Editora Vozes. Rio de Janeiro. 2002. P.23.

INTRODUÇÃO

Através do estudo sobre as festas de natal realizadas em Aracaju na Praça Olímpio Campos podemos perceber um universo amplo de acontecimentos.

Neste universo encontramos tanto o caráter religioso, constatado através da realização de Missas, Procissões, Novenas, Conferências, etc., quanto os aspectos lúdicos desses eventos, expressos através de jogos, brincadeiras, bebedeiras, apresentações de grupos populares.

Também notamos nessas festividades a existência de um cotidiano contrário à rotina de alegria, fé e animação vivenciada pelos aracajuanos, ou seja, ao mesmo tempo em que estavam acontecendo essas festas, também aconteceram crimes que causaram angústia e tristeza em algumas famílias de Aracaju.

A presente pesquisa está inserida no campo da Nova História. De modo mais específico está enquadrada numa abordagem voltada para a História “Vista de Baixo”, a qual difere do método adotado pela História Tradicional.

Segundo Peter Burke, a Nova História preconiza que o historiador ao exercer o seu ofício deve considerar objeto de estudo qualquer evento histórico, analisando de forma minuciosa todas as suas estruturas. Utilizando esse método é possível detectar todo universo que o rodeia, que o perfaz- as pessoas que freqüentam, a importância do evento, a diversidade de atrações, os crimes ocorridos naquele contexto, enfim.

Nesse sentido, ao percebemos que essa visão não está presente nas obras sergipanas que tivemos contato, optamos por estudar as festas de natal abordando os seus diversos aspectos. Vocês vão perceber que grande parte dos autores que se propuseram a estudar tais festividades não tiveram o interesse em observar a variedade de elementos que estas traziam, deixando, portanto, uma lacuna a ser preenchida.

A escolha do período de 1940 e 1950 seu deu primeiramente em razão de que não havia naquele contexto muitas opções de locais para que fossem celebradas as festas populares mais importantes de Aracaju, a exemplo das festas de natal, assim, a praça era o local mais propício. Também naquele período surgiam os bairros periféricos: Aribé, Chica Chaves, etc e com ele uma grande massa populacional que iria frequentar essas festas.

Mostrar os aspectos religiosos e lúdicos das festas de natal em Aracaju nas décadas de 1940 e 1950, assim como o cotidiano da violência que existiu ao mesmo tempo só possível devido a enorme variedade de fontes que tivemos acesso. Desse modo, fundamentamos essa pesquisa tanto em fontes impressas quanto em fontes judiciais, eletrônicas e orais.

As fontes impressas com as quais trabalhamos foram os jornais A Cruzada e Correio de Aracaju, cujo acesso se deu por meio do IHGS, localizado no Centro de Aracaju. Deles extraímos grande parte das informações referentes ao aspecto religioso dessas festas. Por exemplo: as informações sobre as Missas, as procissões, sobre a forte expressão da fé católica do aracajuano.

Como fontes judiciais utilizamos: Autuações, Portarias e Relatórios anexos aos processos da 2ª Vara Criminal de Aracaju. O acesso a essa documentação que se encontra no AJES, localizado no Centro Administrativo desta Capital, nos possibilitou o conhecimento acerca dos crimes mencionados nesta pesquisa- os crimes de espancamentos contra Filomena Matos e Manoel Messias, a briga entre José Augusto dos Santos e José Francisco Menezes por exemplo.

As fontes eletrônicas nos serviram de base principalmente para a busca de ilustrações. Algumas dessas imagens foram: o carrossel do Tobias, a Catedral Metropolitana, a Chegada de Japaratuba, etc.

Também de suma importância foram as fontes orais, muitas vezes, segundo Peter Burke, desconsideradas pela História Tradicional, para a qual só teria valor histórico as informações registradas em papel, isto é, documentadas oficialmente. Procuramos não seguir esse paradigma, considerando de grande valia a sabedoria dos “velhos” e a importância destes enquanto sujeito histórico.

Assim, utilizamos os depoimentos do Senhor Leopoldo Moreira Andrade e Ruth Lima de Andrade. O primeiro depoimento serviu de base para a elaboração do conteúdo referente à Chegada do Zé do Pão e o segundo como complemento, sendo principalmente utilizado para nos mostrar a origem do líder desse grupo popular.

Complementando as informações contidas nas fontes supracitadas, utilizamos livros, monografias e artigos científicos. Estes, foram adquiridos na BICEN- UFS, na UNIT e no IHGS, servindo de suporte tanto para a revisão da literatura, quanto para a base teórica e metodológica dessa pesquisa.

O conteúdo dessa pesquisa está expresso três capítulos. No primeiro capítulo abordaremos o caráter religioso dessas festas, destacando algumas missas, procissões, etc.

Mostraremos através dessas missas o sentido das festas de natal e através das procissões a forte manifestação da fé católica do aracajuano.

O segundo capítulo tem como finalidade abordar algumas criminalidades que aconteceram durante o período em que eram realizadas as festas de natal. Também tem a

intenção de retratar o seu caráter lúdico, cuja expressão se dava principalmente por meio dos jogos, das brincadeiras, enfim, das atividades voltadas à diversão dos seus frequentadores.

Por último, será retratada a presença de grupos populares durante aquele evento, onde será destacado a Chegança do Zé do Pão. Mostraremos a sua importância nessas festividades, a alegria e a animação que ela possibilitava ao povo. Também iremos mostrar a sua importância enquanto representação popular, comparando-a com o estudo sobre outras Cheganças, o qual se encontra em algumas obras sergipanas.

I CAPÍTULO

AS FESTAS NATALINAS DA PRAÇA DA MATRIZ E O SEU CARATER RELIGIOSO

O Período entre 1940 e 1950 de Aracaju foi marcado pela inexistência de locais destinados à celebração de festas populares ou outras diversões destinadas ao homem pobre. Nessa época apenas existiam clubes particulares a exemplo do Iate Clube de Aracaju², Recreio Club³, Associação Atlética de Sergipe⁴, que eram voltados para a realização de festas particulares, onde apenas os mais bem abastados podiam freqüentar.

Assim, como em outros municípios do Estado de Sergipe- Japaratuba, Capela, Nossa Senhora das Dores- as praças de Aracaju constituíram o local mais propício para a celebração dessas festividades, entre elas destacamos a Praça Olímpio Campos, conhecida como Praça da Matriz, localizada no Centro da Capital. A partir dela retrataremos as Festas de Natal realizadas ali durante as décadas de 1940 e 1950.

1.1. AS FESTAS DE NATAL NA PRAÇA DA MATRIZ (1940-1950)

Celebradas desde 1856⁵, as festas natalinas realizadas na Praça da Matriz foram consideradas um dos mais importantes e tradicionais eventos populares da Capital. Os festejos iniciavam no dia 08 de dezembro com a procissão em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, padroeira da capital e acabava após a Festa de Reis e de São Benedito, no início de janeiro, cabendo a Prefeitura Municipal e algumas vezes a outros (autoridades, padres , população) a sua organização.

² O Iate Clube de Aracaju foi fundado em 25 de Agosto de 1953 para, difundir a prática dos esportes náuticos, incentivar o esporte da pesca e realizar festas particulares da alta sociedade.

³ Clube Social que funcionou na rua da frente e depois na praça Olímpio Campos. Tinha a finalidade de realizar alguns bailes e outros eventos para a classe aracajuana mais abastada.

⁴ Fundada em Aracaju no dia 24 de maio de 1925, essa Associação realizou também grandes eventos particulares.

⁵ Baseamos essa data na obra Praça da Matriz de Corinto Mendonça. Ps.07-61.

Segundo o Padre Luciano Duarte, uma característica marcante das festas natalinas é a presença de presépios, pois estes simbolizam através das suas imagens o nascimento do Menino Jesus na noite de natal. A respeito destes, em 1954 o Jornal A Cruzada publicou:

“ E’ agora o tempo de presépios. Desde o dia de Natal os lares de inúmeras famílias se adornam, se engrinaldam com a auréola da luz de Belém, que circunda o presépio armado na sala (...) . No centro está a manjedoura ferrada de ouro pobre das palhas, e, reclinado, o Menino, olhar vago de criança, doces mãos que se abrem inocentes, num precoce gesto de doação. Em derredor a Virgem e São José. (...) José discreto é o guardião dos tesouros de Deus, é a primeira sentinela do novo reino que nasce numa gruta e vai conquistar o mundo”⁶

Para Duarte, nessa época encontramos uma diversidade de presépios, desde aqueles mais luxuosos até os mais humildes:

“ A arte das imagens é vária. Há os presépios de fino gosto artístico, onde os traços finos revelam a alma iluminada do escultor. E existem também (e são a maior parte), os presépios mais humildes onde a piedade dos fiéis supre a arte medíocre que moldou as figuras do natal”⁷.

Em Aracaju também foram erguidos por muitas famílias cristãs vários presépios com o intuito de homenagear o nascimento do Menino Deus “*num canto de sala, na planície envernizada de um móvel mais amplo...*”⁸.

Entre esses presépios, destacou-se o de D. Emereciana Maciel, residente à Rua Própria 416, amplo, artístico, armado com gosto e com amor, “*(...) a decoração vegetal que o enfeita, a sugestão das areias brancas do deserto com suas pirâmides lendárias, as figuras dos pastores e dos animais são um terno engaste, tornando a beleza da terra (...), para envolver a pérola da manjedoura.*”⁹.

Outro que mereceu destaque foi o do Senhor José Luís Vasconcelos, residente a Rua Siriri, nº 468. Considerado o mais antigo, esse presépio foi elaborado por Francisco da Silva Quintel, cuja procedência não tivemos informações.

Apesar de se tratarem de imagens, vimos através desses presépios, a fé expressa pelo aracajuano diante do Menino Jesus.

As Festas de Natal realizadas na Praça da Matriz eram freqüentadas por todos independente de classe social. Presente estava o homem pobre e o homem rico, seja para manifestar sua fé em meio aos atos religiosos que ali aconteciam: Missas, Procissões, Novenas, seja para se divertir em meio às atividades lúdicas: os jogos, as brincadeiras, as bebedeiras, os parque de diversões, etc.

⁶ Jornal A Cruzada. Aracaju. 02/01/1954.

⁷ Jornal A Cruzada. Aracaju. 02/01/1954.

⁸ Jornal A Cruzada. Aracaju. 02/01/1954.

⁹ Jornal A Cruzada. Aracaju. 02/01/1954.

Dada a diversidade de acontecimentos que encontramos nestas festas, procuramos neste capítulo retratar apenas o seu caráter religioso, deixando para explorar nos próximos capítulos os seus outros aspectos.

1.2. A IMPORTÂNCIA DO NATAL SEGUNDO AS MISSAS

“ Ele, o Príncipe da Paz, o Messias dos Profetas veio trazer a todos nós, freqüentadores ou não do átrio sagrado do Senhor, em meio a Noite Feliz uma mensagem de redenção e de vida, régio presente dos céus para a humanidade sofredora (...).¹⁰”

Publicava Antônio Conde Dias no jornal *A Cruzada* em 25 de dezembro de 1949. A sua finalidade seria mostrar a todos os aracajuanos, fiéis ou não o significado e a importância da noite de natal.

Para Dias, a noite de natal é considerada Santa, pois é o dia do nascimento do Menino Jesus, filho de Deus que veio ao mundo para salvar a humanidade das trevas e do pecado. É nessa noite que todos devem seguir os ensinamentos deixados por Cristo, principal propagador da fé cristã, e que agora são transmitidos pela Igreja Católica através dos Padres. Para o escritor esse é o verdadeiro valor e significado do natal.

Segundo a Igreja Católica, o significado do Natal é a celebração do nascimento de Jesus. Sua vinda como Salvador. A data 25 de dezembro foi escolhida como forma de pontuar um dia de homenagem e transformação de vida, embora a Bíblia não esteja expressa nenhuma data especificada como sendo a do nascimento de Cristo.

Para o bispo auxiliar Dom Dulcênio Matos, quem celebrou o primeiro Natal foi Maria, José, os reis magos e os pastores em Jerusalém, contudo devido às perseguições sofridas pelos católicos a Igreja ficou sem celebrar o nascimento de Cristo durante quatro séculos.

Com o mesmo objetivo, durante as décadas de 1940 e 1950, algumas Paróquias celebraram na noite do dia 25 de dezembro as Missas do Galo, como ficaram vulgarmente conhecidas as Missas da Noite de Natal ou “Noite Feliz”. Dentre elas destacamos: a realizada na meia noite do dia 25 de dezembro de 1949 pelo Padre José de Castro na Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, localizada no Bairro Siqueira Campos; a Missa realizada à meia noite do dia 25 de dezembro de 1956 pelo Padre da Catedral Metropolitana de Aracaju, localizada na Praça Olímpio Campos, a Missa do dia 25 de dezembro de 1950 celebrada pela Igreja de São José e a do dia 25 de dezembro de 1944 pela Igreja de São Salvador, localizada no Centro da

¹⁰ Jornal A cruzada. Aracaju. 25/12/1949.

Capital. Durante a celebração dessas missas podíamos encontrar tanto hinos em louvor ao nascimento de Cristo, quanto orações e mensagens deixadas por ele.

A respeito das Missas de Natal, o Jornal A Cruzada de 1956, traz a seguinte mensagem:

“A grande fonte de alegria da Igreja e do mundo é a Santa Missa, pois nas Festas de Natal são tão imensas as alegrias da Santa Igreja que são celebradas três Missas. Somos felizes: “hoje a luz brilhará sobre nós” nasceu um menino (INTROITO).O mundo escuro do pecado e do vício foi aclarado pela grandeza da luz da verdade, daí ,porque pedimos na ORAÇÃO a Deus, que nos conceda a graça de conhecermos bem o clarão da verdadeira luz a-fim- de que possamos renunciar a impiedade e à paixões mundanas, e vivermos quais herdeiros da vida eterna .”¹¹

A partir das Missas, é possível perceber a sua importância para aqueles que seguem a doutrina católica. Para eles as Missas são consideradas uma verdadeira fonte de alegria, verdade e esperança, assim a fé dos seus seguidores naquilo que é falado pelos padres durante essas Missas constitui característica marcante.

As celebrações que relatamos não fogem à regra. Para o homem católico de Aracaju, ali era o momento de conhecer a palavra de Deus, de manifestar a sua fé e de ter esperança. Nessa hora o respeito e a solidariedade eram predominantes, não havendo distinção de classe social ou cor.

De acordo com Corinto Mendonça:

“ A meia noite do dia 25 de dezembro realizava-se (...) a celebração da Missa do Galo, como é vulgarmente chamada. Todos os que ali se divertiam nos Trivolís, nos jogos, comendo e bebendo, logo a soar dos sinos da Igreja iam postar-se frente ao altar adrede armado nas parede do fundo da mesma. Era admirável como aquela mole humana aguardava silenciosa a hora do ato religioso. O silêncio era sepulcral. O respeito e a contradição a tentavam a fé do nosso povo. Ali estavam também moleques,vadios e mal educados, rapazes alegres e patuscos, mas não se havia nem ouvia o menor desrespeito (...)”¹²

Da mesma forma que as Missas, as Procissões também eram partes integrantes das programações religiosas desses eventos e traziam consigo a forte expressão da fé católica do aracajuano. A respeito delas faz-se necessário uma abordagem sobre a Procissão em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, realizada no dia 08 de dezembro e a Procissão em homenagem a Bom Jesus dos Navegantes que acontecia no dia 1º de janeiro.

¹¹ Baseamos essa narrativa no Jornal A Cruzada de 24/12/1956.

¹²MENDONÇA, Corinto. Praça da Matriz.P.12.

1.3. PROCISSÕES: MOMENTO DE FÉ E DEVOÇÃO DO ARACAJUANO

São 16:00 horas do dia 08 de dezembro de 1951 em Aracaju, dia da Procissão em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade¹³. Na Praça Olímpio Campos uma multidão de fiéis aguarda a saída do cortejo que será presidida pelo Excelentíssimo Bispo Diocesano. Dentre esses fiéis destacam-se: pessoas simples de várias localidades, representantes das paróquias da capital, representantes das paróquias do interior, autoridades políticas, representantes das Associações Religiosas e Colégios da Capital.

Sai a imagem da Imaculada Conceição conduzida por um carro triunfante artisticamente ornamentado e iluminado à altura para a exaltação da grandeza da Mãe de Deus, sendo seguida por milhares de pessoas. Ao longo do percurso, hinos cantados em sua homenagem e vez ou outra a orientação uniforme do Locutor o Padre Dom Luciano Duarte, ouvidos por todos através dos auto-falantes colocados em todo o itinerário.

A procissão segue percorrendo a Rua Santa Luzia, a Avenida Barão de Maruim, a Praça Camerino, a Rua de Pacatuba, com ela pessoas descalças, cansadas, exaltando a Santa Imaculada com músicas, com flores, com lágrimas. É um momento de extrema devoção, de fé e de amor do homem católico. O cortejo retorna a Praça Olímpio Campos, onde em frente à Catedral serão dadas as bênçãos do S.S. Sacramento pelo Excelentíssimo Senhor Bispo Diocesano e feitas várias aclamações a Nossa Senhora da Conceição. À noite a imagem ficará exposta à visita dos fiéis que levarão como presente lembranças dessas festividades.

No dia da Padroeira da capital não acontecia apenas a Procissão, pois, a Igreja trazia uma programação que constava também outros atos, conforme identificamos na festa realizada no dia 08 de dezembro de 1950. Nesta, percebemos missas, a exemplo da que foi celebrada pelo Padre da Catedral; Novenas, Conferências, onde se destacam as feitas pelo Padre Orlando Machado, cujo Clero é de Belo Horizonte. Dentre os temas abordados citamos: A Família, Os Problemas Sociais, o Cristão.

A partir da Procissão relatada e das outras atividades de caráter religioso que aconteceram ao mesmo dia, podemos perceber a forte presença da fé católica do povo aracajuano. Esse ato mostra que mesmo as festas de natal apresentando atividades não ligadas à religiosidade, ou seja, aquelas consideradas profanas pela Igreja Católica, a exemplo dos jogos, brincadeiras, bebedeiras, etc., conforme mostraremos nos capítulos posteriores, para o homem católico

¹³ Baseamos essa narrativa no Jornal A Cruzada de 02/12/1951.

havia um momento destinado à expressão da sua fé, das suas crenças, da sua emoção. Assim como as missas mencionadas inicialmente, as procissões carregavam essa característica.

Da mesma forma que a procissão em homenagem a Imaculada Conceição, no dia 1º de janeiro também acontecia o cortejo celebrando o dia de Bom Jesus dos Navegantes.

Segundo Ana Maria Fonseca Medina, a procissão do Bom Jesus dos Navegantes é considerada uma das mais importantes festas religiosas de Aracaju. É uma procissão fluvial e remonta a 1857, sendo sempre realizada com muita pompa.

A respeito de sua origem, segundo Medina iniciou a partir de uma desobriga isto é, do pagamento de uma promessa pelo aracajuano em meio às dificuldades e problemas impostas pela nova capital. Dentre esses problemas destacam-se: a falta de higiene, a falta de saneamento básico e de uma infra-estrutura básica que ocasionavam em febres e mortes. O católico para se precaver recorria aos seus mecanismos de proteção.

No dia 1º de dezembro de 1940 foi organizada pelos seus devotos em Aracaju uma dessas procissões.

Segundo Pires Wynne, o cortejo saiu à tarde do santuário, descendo do alto do Santo Antônio para a cidade, logo cedo as pessoas começavam a subir a ladeira e depois todos desciam conduzindo a imagem até a Ponte do Imperador, donde iria embarcar. Saindo de lá, a imagem percorria todo o rio Sergipe, contornando as margens, indo até a barra e voltando pelo mesmo itinerário. Acompanhados, vinham de canoas, lanchas, navios ou saveiros, fiéis de várias localidades. As embarcações, ornamentadas pelos próprios donos traziam consigo bandeirinhas e flores para homenagear o Santo.

Para a Igreja Católica, Procissão tem o significado de “marcha solene, de caráter religioso, acompanhada de cantos e rezas.

Nesse sentido, a Procissão em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, o cortejo homenageando o Bom Jesus dos Navegantes denota “(...) *um ato comunitário onde as pessoas saem às ruas com espírito solene em louvor ao padroeiro*”¹⁴. Esses cortejos conforme percebemos, eram marcados pela presença de milhares de fiéis que estavam ali para expressar a sua fé e devoção através de hinos, rezas, sacrifícios e louvores.

¹⁴ FONTES, Lídia Meire Rocha dos Santos. Trabalho de Conclusão de Curso: *Espaço, disciplina e festividades numa cidade considerada moderna (1900-1930)*. Aracaju, 1998.p.39.

1.4. FESTA DE REIS E FESTA DE SÃO BENEDITO FINALIZANDO OS FESTEJOS NATALINOS EM ARACAJU

Segundo Beatriz Góis Dantas, o dia 06 de janeiro é reservado pela Igreja Católica a celebração dos Reis Magos, contudo, por essa data coincidir com a mesma em que se coroavam os reis negros (Reis de Congo, Reis de Nossa Senhora do Rosário, etc).

Por aproximação passou ser comemorado o dia dos santos patronos dos pretos, um dos quais, São Benedito, de acordo com a tradição.

No dia 06 de janeiro de 1950 foi celebrada pela Irmandade de São Benedito da Igreja de São Salvador a tradicional Festa de São Benedito.

Durante esse evento faziam parte: o Tríado, pregados pelo Padre Luciano Duarte e pelo Cônego João Lima e Missas solenes, a exemplo da celebrada pelo Cônego Germiniano de Freitas. Após as Missas foi distribuído o pão de São Benedito e à tarde, finalizando o evento era realizada uma procissão em homenagem ao Santo. Das quais não obtivemos maiores informações.

As comemorações do dia 06 de janeiro de 1950 finalizava uma das mais importantes festas populares da cidade de Aracaju, que conforme vimos, traziam consigo caráter religioso. Contudo, veremos nos capítulos seguintes que a religiosidade não era a única característica desses festejos, havia ainda uma diversidade de acontecimentos que diferiam desse caráter: *a criminalidade*: espancamentos, homicídios, etc; *as manifestações de grupos populares*: a exemplo da Chegança do Zé do Pão e *as atividades lúdicas*: brincadeiras, passeios, jogos de azar.

II CAPÍTULO

FESTAS DE NATAL: CRIMINALIDADES E DIVERSÃO

Vimos no capítulo anterior que uma série de atividades religiosas fazia parte da programação dos festejos natalinos de Aracaju durante as décadas de 40 e 50: missas, procissões, conferências, etc. Contudo, mostraremos a partir desse capítulo a variedade de acontecimentos, os quais não estão ligados à religiosidade, mas que também se fizeram presentes durante essas festas: diversões - jogos, bebedeiras, músicas “profanas” - manifestações de grupos populares e crimes que causaram angústia e sofrimentos em algumas famílias durante aquela época (suicídios, espancamentos, homicídios, etc.) Para uma melhor compreensão explicitaremos de forma mais aprofundada a respeito desses fatos.

2.1. O CRIME CONTRA FILOMENA MATOS E OUTROS CRIMES

Era tarde de domingo, 31 de dezembro de 1945 na Rua Nobre de Lacerda, nº 110, na cidade de Aracaju, residência de José Maximiniano dos Santos, com ele estava Filomena Matos, mulher com quem vivia maritalmente há oito anos e a filha de Filomena, Maria Izabel Matos de 17 anos.

Faltavam algumas horas para a chegada do “Ano Bom”, momento que para muitos significa *“tempo de esperanças e desejos”*¹⁵. Era período dos festejos natalinos e àquela hora muitas pessoas se preparavam para mais uma noite de comemorações¹⁶.

“Alemão”, como era conhecido José Maximiniano, estava aborrecido com Filomena, pois esta havia lhe dito há alguns dias que queria se separar dele devido aos maus tratos e a vida miserável que ele lhe proporcionava. De acordo com Maria Izabel, muitas vezes “Alemão” agredia verbalmente Filomena e também rasgava as suas roupas. Por outro lado, o companheiro de Filomena também vivia aborrecido com a filha dela que, segundo ele, não se

¹⁵ Jornal A Cruzada. Aracaju. 01/01/1955

¹⁶ Baseamos essa narrativa no Processo de Autuação contra José Maximiniano dos Santos de 06 de janeiro de 1945, o qual se refere sobre os ferimentos cometidos contra a pessoa de Filomena Matos e encontra-se no arquivo Judiciário do Estado de Sergipe.

comportava como uma moça descente, ganhando presentes e chegando das festas altas horas. Neste dia “Alemão” havia pedido a Filomena que passasse ferro na sua camisa de brim “caque”, a qual há alguns dias tinha sido costurada na máquina “Singer” dada por ele a ela como presente há quatro anos. Enquanto Filomena passava a referida camisa, “Alemão” disse: “é verdade, esta é a última camisa que você faz”, no que Filomena perguntou: Por que? Eu vou morrer? E ele não adiantou mais nada.

Chegou o dia 1º de janeiro de 1945 e “Alemão” não demonstrou nesse dia qualquer aborrecimento. Porém, no dia seguinte seria diferente. Os primeiros dias do “Ano Bom” de Filomena Matos e sua filha se tornavam dias de dor e angústia.

No dia 02 de janeiro de 1945, numa terça-feira, às 16:30 horas da tarde Alemão chega em casa com o pão dizendo que está com fome e pede para Filomena fazer um cafezinho, no que é atendido. Enquanto Filomena sopra o fogareiro e está virada de costas, Alemão covardemente começa a golpear Filomena com uma navalha. E sem proferir uma palavra fere-lhe profundamente a mão direita, o ventre, dá uma forte pancada no lado do coração, jogando-a no chão e continua a série de golpes. Ouvindo os gritos da mãe, Maria Izabel corre para socorrê-la, no que também é atingida e é jogada sobre uma lata, até que uma senhora de nome Francisca vendo as duas ensanguentadas começa a alarmar os vizinhos para socorrê-las. Alemão corre pelos fundos da casa e consegue fugir, enquanto os vizinhos aguardam o automóvel para levar as vítimas ao Hospital Cirurgia.

Segundo registro nos autos de perguntas feitas a “Alemão”, o qual foi feito pelo Delegado Auxiliar da Capital, Senhor Doutor Antônio de Oliveira Brandão no dia nove de janeiro de 1945 as 15:00 horas, os motivos que levaram “Alemão” a cometer tais atos estavam relacionados ao mau comportamento da enteada, Maria Izabel, que lhe causava desgosto e a forma com que Filomena se posicionava quanto a isso, posicionamento esse que gerava vários atritos entre o casal. Segundo “Alemão”, no dia de natal Maria Izabel havia chegado em casa com sapatos novos dizendo que havia sido sorteada numa rifa- era muito comum durante essas festas sorteios em rifas, jogos, dentre outras atividades- contudo, Alemão não acreditou, o que provocou aborrecimento tanto em Maria Izabel quanto em Filomena, que havia confirmado o sorteio da referida rifa. Na madrugada da passagem para o “Ano Bom”, Maria Isabel havia chegado em casa às 3:00 horas da manhã - o que era comum em decorrência dessas comemorações que se estenderem até altas horas- isso também provocou em Alemão descontentamento, chegando este muitas vezes a ofendê-la verbalmente.

De acordo com as declarações de Maria Francisca de Jesus, vizinha de Filomena, contidas nos autos da Delegacia de Polícia do dia 29 de janeiro de 1945, muitas vezes Alemão chegava

na casa de Filomena contrariado quando perdia dinheiro em jogos ou em brigas de galo e quando Filomena reclamava ele se enchia de razão e a maltratava com palavras, dizendo que qualquer dia ia lhe fazer um dano. Já no domingo, dia 24 de dezembro, véspera de natal, ele havia chegado em casa muito agressivo e quebrado quase todos os pratos que Filomena havia posto na mesa. Maria Francisca afirma que muitas vezes procurou acalmá-lo, pois Filomena era uma “bôa pessoa”.

O que se nota é que nada justifica a atitude violenta de José Maximiniano dos Santos para com sua companheira e sua enteada. A partir do depoimento de Maria Francisca de Jesus, 28 anos de idade, natural de Pirambu, doméstica, residente a Rua Nobre de Lacerda, nº 58 e das outras testemunhas: Alzira Calazans dos Passos, 42 anos de idade, natural de Aracaju, doméstica, residente a Avenida Pedro Calazans, nº 479 e Maria da Glória Ramos, 37 anos de idade, natural de Própria e também residente a Rua Nobre de Lacerda, nº 78, pôde-se chegar a essa conclusão e “Alemão” pagou a justiça pelos seus atos, contudo, por ser uma pena afiançável, logo ficou em liberdade. Filomena, que na época tinha 30 anos de idade, graças ao socorro dado por seus vizinhos, foi levada ao Hospital Cirurgia, onde foi atendida com sua filha. Filomena permaneceu três dias e após algumas melhorias recebeu alta. Sua filha não teve ferimentos graves.

2.2. UM OUTRO OLHAR SOBRE AS FESTAS DE NATAL EM ARACAJU: DÉCADAS DE 1940 E 1950

Assim como o crime praticado contra Filomena Matos durante o período de festejos natalinos de 1945, uma diversidade de casos também se fez presente em outros anos: O suicídio de Antônio Coelho Filho no dia 23 de dezembro de 1949 em sua residência, localizada a Rua Nobre de Lacerda, nº 527, Aracaju por motivos de doença. Este caso foi registrado por Serapião de Aguiar Torres, na Primeira Delegacia em 23 de dezembro de 1949; o crime contra Manoel Messias de Souza ocorrido no dia 30 de dezembro de 1939, o qual teve grande repercussão na imprensa local. Este crime aconteceu num ônibus, o fiscal Manoel Messias foi apunhalado por Manoel Honorino devido aos dois já terem uma rixa. A briga que aconteceu num bar localizado a Rua Amazonas no Siqueira Campos entre José Augusto dos Santos e José Francisco Menezes. José Augusto não quis aceitar a bebida oferecida por José Francisco, que ficou enfurecido e começou a esmurrá-lo. A briga não terminou em tragédia graças à intervenção da esposa da vítima e de policiais na noite de passagem para o “Ano Bom”, madrugada do dia 31 de dezembro de 1954, dentre outros.

Os crimes mencionados mostram a diversidade de fatos com que o historiador pode se deparar ao analisar documentos oficiais: a exemplo dos Autos da Polícia registrados no mesmo período em que ocorreram as festas de natal de 1939, 1945, 1949 e 1954. Através destes, é possível perceber que ao mesmo tempo em que ocorriam essas festas, nas quais estavam presentes músicas, danças, bebedeiras, as retretas, os jogos de azar, as rifas, Missas, Procissões, etc., também acontecia um outro cotidiano que era marcado pela violência, um aspecto que não foi observado por parte dos escritores a cerca das festas de natal em Aracaju naquelas décadas.

Retomando a questão acerca das atividades lúdicas presentes nas festas de natal, e que, portanto, não estão ligadas ao caráter religioso do evento, podemos destacar as feirinhas de natal e outras diversões. Para um melhor entendimento explicitaremos melhor a respeito disso.

As feirinhas de natal, segundo Murillo Melins, constituía uma das mais importantes atrações dos festejos natalinos em Aracaju.

Para Aglaé D'Ávila Fontes de Alencar:

“ Nas feirinhas de Natal, a praça era o espaço do homem, da criança no seu brincar. Dos jovens em busca do amor. Dos bêbados, das prostitutas, dos mendigos e da gente fina da sociedade. A praça cercando a igreja possuía uma diversidade que se integrava, porque fazia cada um ao seu modo de alegria, no tempo de natal”¹⁷

Podemos perceber na afirmação supracitada que essas feirinhas eram freqüentadas por todos independente de classes social e que constituíam uma prática bastante comum principalmente para o homem pobre.

Ao redor de todo o Parque estavam as barracas e os brinquedos. Alguns deles eram: a Onda, os Barquinhos, a Roda Gigante e o famoso Carrossel do Tobias, considerado um dos brinquedos mais tradicionais da época. Nas barracas podíamos encontrar várias guloseimas: a maçã coberta com melado de açúcar, pirulitos enrolados num papel e enfiado no palito, algodão doce nas cores branco e rosa, rolete de cana caiana, pipoca de milho doce e salgada, amendoim torrado, castanha de caju, bala de café, mariola e fubá, chiclete de bola, picolé de mangaba, balões de gás. Havia também brinquedos artesanais feitos de madeira como: o mané

¹⁷ ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes
de. <http://www.correiodesergipe.com/lernoticia.php?noticia=1389>.02/09/2008 23:45h

gostoso. Outros alimentos eram: a galinha com arroz, o sarapatel, o pirão de peixe, etc. Também encontrávamos bebidas.

Segundo Maynard, à frente da igreja eram enfileirados os bancos das tradicionais famílias, constando nos seus encostos os nomes dos seus proprietários. De acordo com Melins, na parte posterior à Catedral, estavam localizados os jogos de azar, como os “jaburus”, “bizarrias”, “caipiras” e “barrufos”. Ao fundo da Igreja estavam as mesas das roletas em forma de globo ou balão, onde jogadores profissionais e amadores, incluindo, homens e mulheres se divertiam.

Na parte final do parque estava a Rua do Egito. Segundo Melins, era considerada uma rua de bares e botecos, onde havia mulheres, boas comidas e muita bebida.

Para Melins, o Egito era considerado:

“ Uma zona imprópria para os puritanos. O Egito era freqüentado por boêmios e mulheres de “vida livre”. Os “fregue-moscas”: Canta Rita, “Tazan do Egito”, “Seu Azul”, “Galo de Ôro”, “Buteco do afonco” e “Minino Jesus”, construídos com esteiras, eram freqüentados por carregadores, estivadores, e vagabundos. As comidas eram: a “Passarinha”, “Pilombeta”, “Engasga-Gato”, “Sopa de Mão-de-Vaca”. As bebidas eram: o álcool desdobrado em infusão de “Angico”, “Cidreira”, “Milone”, “Junça”, “Pindaíba” e “Casca de Lima”¹⁸.

A Rua do Egito era frequentada por ricos e pobres e funcionava até altas horas da madrugada. Ao lado da Catedral havia um coreto onde as bandas de música do Exército Brasileiro e da Polícia Militar tocavam sambas, boleros, foxes e swings, animando a retreta.

Assim como essas atividades que eram fortemente marcadas pela alegria e pela euforia e que se referem ao povo, havia durante o evento um palanque destinado à exibição de grupos populares. Esse Palanque segundo Leopoldo Moreira Andrade estava localizado ao lado da Catedral. Dentre os grupos que se apresentavam podemos destacar: os Reisados de Oliveira e Piliu, o Catumbi de Pedro Nata; os Pastoris, as Marujadas, a Zabumba de Quendera, o Treme Terra de Mestre Euclides e as Cheganças, onde se destaca a Chegança do Zé do Pão. Fundamentados na experiência e no depoimento de Leopoldo Moreira Andrade, o qual fez parte do referido grupo abordaremos no próximo capítulo de forma mais aprofundada este folguedo, considerado nesses festejos um dos principais exemplos de representação da cultura popular.

Leopoldo Moreira Andrade, nasceu em Capela, Sergipe em 20 de abril de 1920. Filho único e criado sem pai, veio com a mãe à capital em fevereiro de 1938 com o objetivo

¹⁸ MELINS, Murillo, *Aracaju Romântica que vi e vivi*, 2ª ed., Aracaju, 2001.P.62

principal de trabalhar. Inicialmente trabalhou em algumas fazendas, depois pediu demissão para trabalhar em uma distribuidora de leite, saindo desta, começou a trabalhar de forma autônoma como condutor de veículo de tração animal, “carroceiro”, como ele mesmo preferiu que chamasse e nesta função se aposentou.

Logo quando chegou a Aracaju casou-se com Alaíde da Silva Andrade, deste casamento foram gerados dez filhos. Atualmente é viúvo e mora com uma filha na Rua Guaporé, no Bairro Siqueira Campos.

Leopoldo, não pôde concluir os estudos durante a adolescência, apenas foi alfabetizado aos 80 anos de idade em uma Instituição que trabalha com um projeto de Alfabetização Jovens e Adultos-AJA. A respeito das festas natalinas, onde fez muitas apresentações no grupo da Chegança, Leopoldo, que é católico, diz que começou a freqüentar as festas com os amigos, algumas vezes ia com a esposa, mas esta não gostava. Ia com o objetivo de se divertir, passear, freqüentar as missas. A partir de 1941, a convite do líder do grupo, começou a brincar na Chegança, exercendo a função de Capitão-Tenente. Nesta função coube a ele a responsabilidade que, obedecendo a ordem do líder, comandava o resto dos componentes. Apesar das dificuldades: falta de dinheiro para comprar as vestimentas do seu personagem, falta de incentivo por parte da organização dos eventos, Leopoldo afirmou “dançar por amor”, o período em que dançou na Chegança foi, segundo ele, bastante divertido.

A sua entrada no grupo não teve influência da família, também não existia nela alguém que já tinha dançado ou que viesse a dançar depois, mas teve o seu apoio e compreensão. Contudo, no ano de 1946, em decorrência de problemas de saúde decidiu sair do grupo que, depois procurou outra pessoa para substituí-lo.

A partir dos crimes que ocorreram no mesmo período em que aconteciam as comemorações das festas de natal, do depoimento e da experiência do senhor Leopoldo, enquanto participante de um grupo popular naquelas festas, é possível compreender as festas natalinas sob um outro olhar, um olhar que não exclui e não marginaliza o homem pobre, tornando-o apenas simples expectador dos fatos assim como não ignora o cotidiano. Assim como Leopoldo, é considerado um sujeito histórico, aquele que deixa de ser anônimo, para tanto está presente, como contribuir na construção dos fatos históricos, o cotidiano aparece como um fato histórico que ajuda a compreender os acontecimentos e identificar através dele o que a nas obras tradicionais não é possível.

Essa forma de abordagem, a qual se atribui à máxima “uma história vista de baixo”, permite, segundo, Claudefranklin Monteiro Santos, enxergar os homens e as atitudes comuns. A

sua existência só foi possível devido ampliação de novas fontes e descoberta de novos métodos surgidas a partir da Revolução Historiográfica, conforme afirma Burke:

“Desde a chamada Revolução Historiográfica, a qual teve como precursores Lucien Febvre e Marc Bloch, o território da história foi ampliado, abrangendo várias áreas inesperadas do comportamento humano e os grupos sociais negligenciados pelos historiadores sociais. Tais Extensões de territórios, estão vinculadas a descoberta de novas fontes e a descoberta de novos métodos para explorá-los.”¹⁹

O método utilizado pela Nova História combate os paradigmas da História Tradicional, para a qual, a história apenas diz respeito à política e é pensada como simples narrativa dos fatos; a visão por ela apresentada vem de cima, ou seja, sempre está centrada nos grandes feitos dos grandes homens: estadistas, generais e eclesiásticos, cabendo ao homem comum um papel secundário na história. Essa forma de abordar a história também preconiza que devemos se basear apenas em documentos e não se preocupar com as ações individuais, cabendo a ela, portanto, ser objetiva e se preocupar apenas em apresentar os fatos aos leitores.

Partindo para uma leitura das obras que se propuseram a estudar as festas natalinas da cidade de Aracaju, bem como de alguns outros escritos, percebe-se que, com exceção do Trabalho de Conclusão de Curso de Lídia Meire Fontes Santos, graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe e da obra do jornalista Arnulfo Santos Santana, a abordagem voltada para “história vista de baixo” não está presente. Assim, com o intuito de comprovar tal afirmação, analisaremos estas obras, destacando os seus objetivos e os métodos.

As festas natalinas realizadas em Aracaju estiveram presentes nas Obras: “Aracaju Romântica que Vi e Vivi: 1940-1950”, de Murillo Melins; “Aracaju Etc & Tal”, de Clodoaldo de Alencar Filho; “Roteiro de Aracaju: Guia Sentimental da Cidade”, de Mário Cabral; “Aracaju dos Meus Amores”, de Arnulfo Santos Santana, “Praça da Matriz Reminiscências: 1888-1955”, de Corinto Mendonça”. Foi objeto de estudo no TTC- Trabalho de Conclusão de Curso: “ Espaço, Disciplina e Festividades Numa Cidade Considerada Moderna- Aracaju-Se (1900-1930)”, de Lídia Meire Rocha dos Santos Fontes e mencionadas por alguns memorialistas: “A Feirinha de Natal”, de Armando Maynard e “Natal Triste”, de Zózimo Lima.

“*Aracaju Romântica que Vi e Vivi: 1940-1950*”, escrita por Murillo Melins, assemelha-se a uma narrativa. É também uma obra bastante saudosista, onde veemente o autor deixa

¹⁹ BURKE, Peter (org.). *Escrita da história: Novas Perspectivas*. Trad. Magda Lopes. Editora da Universidade Estadual Paulista. São Paulo. 1992.

transparecer que gostaria de voltar àquele tempo. Nela, o autor de forma bastante detalhada procura descrever para o leitor fatos (Centenário de Aracaju, por exemplo) locais (praças, ruas, cinemas, sorveterias bares, clubes,hotéis, etc.) festas populares (carnaval, festa de São João, festas natalinas), tipos populares, presentes nas décadas de 40 e 50. No capítulo referente às festas natalinas, as quais ele considera uma festa bastante tradicional da época, estão presentes as mesmas características: narrativa, com descrição de fatos, locais e o saudosismo.

Do ponto de vista didático, pode-se perceber que é uma obra acessível a qualquer público leitor, pois o livro apresenta uma linguagem bastante clara. Também podemos considerar a obra rica em informações, pois ele descreve de forma bastante minuciosa as principais praças públicas onde ocorriam as festas natalinas, as principais formas de diversão (brincadeiras, jogos, etc) e as celebrações religiosas.

Entretanto, do ponto de vista dos paradigmas da Nova História, na qual esta pesquisa está inserida, o que se percebe é que o autor em nenhum momento demonstrou interesse em analisar as festas natalinas de uma forma que não mais se assemelhasse aos discursos utilizados por historiadores tradicionalistas, onde, de acordo com Peter Burke, a história é pensada simplesmente como uma narrativa dos acontecimentos.

Assim, não está presente no capítulo referente às festas natalinas uma um método no qual se enquadre uma análise das estruturas, onde podemos citar como exemplo, a ausência por parte do autor, de uma observação a cerca de pessoas comuns que ali estiveram presentes e contribuíram para que aquele evento acontecesse: o vendedor de pipoca, o bilheteiro do carrossel, as donas-de-casa que ajudaram na ornamentação da Igreja, os dançadores de grupos folclóricos, muitos deles de origem humilde e que com dificuldades compraram as suas as vestimentas, a exemplo do senhor Leopoldo, para alegrarem essas festas.

A obra de Melins, que apresentou a sua terceira edição em 2007, mostra em sua estrutura física 380 páginas, onde podemos encontrar: Opiniões a respeito da obra e do autor, a Apresentação, o Preâmbulo, Agradecimentos e setenta temas pesquisados. Murillo Melins nasceu em Vila- Nova (atual Neópolis), município de Sergipe e possui graduação em Ciências Econômicas e Administração de Empresas.

Clodoaldo de Alencar Filho, com sua obra *“Aracaju Etc & Tal”*, publicada em 1980, de forma bastante sucinta reserva ao leitor apenas duas páginas relacionadas aos festejos natalinos ocorridos em Aracaju. Nelas, o seu discurso se iguala ao de Melins tanto no que concerne ao fator descrição, quanto aos quesitos: narrativa e ausência de um ponto de vista voltado para os paradigmas da História Nova.

O autor inicia a obra fazendo uma crítica aos modernos meios de comunicação e de transportes que, segundo ele, possibilitaram o esquecimento das festas natalinas, pela classe média e alta da sociedade aracajuana, afirmando que “hoje” apenas o “povo” frequenta. Em seguida, Filho começa a descrever as festas: início, localização, diversões, finalizando o capítulo.

“*Aracaju Etc & Tal*”, apresenta 221 páginas e dez temas pesquisados, seu autor é bacharelado e licenciado em Letras Anglo-Germânicas.

Outra obra que se propôs a retratar as festas natalinas de Aracaju foi “*Roteiro de Aracaju: Guia Sentimental da Cidade*”, escrita em 1955 pelo jornalista e advogado Mário Cabral.

Cabral, não muito diferente de Melins, busca apresentar as festas natalinas como uma tradição, descrevendo também as principais formas de diversões, as celebrações religiosas. Um ponto importante que o autor cita na obra é quando se refere ao carrossel do Juvenal, (o famoso carrossel do Tobias) principal diversão das crianças na época e que teria sido abandonado, esquecido e substituído pelas novas opções impostas pela tecnologia (televisão, cinemas, vídeo games), questão que também é pouco abordada, contudo, identificar o homem pobre como parte da estrutura dessas festas não está presente no seu livro.

Da mesma forma que Melins e Filho, Cabral está mais preocupado em descrever e detalhar as festas de forma superficial, do que a se aprofundar no conteúdo, buscando nos transmitir uma visão contrária a História Tradicional.

“Roteiro de Aracaju” teve sua primeira edição em 1948, a segunda em 1955 e a terceira e 2002. Possui 240 páginas. Nelas podemos encontrar: a Apresentação, o Sumário, Prefácio e cinquenta e três temas.

“*Aracaju dos Meus Amores*” é um livro da autoria do jornalista Arnulfo Santos Santana, editado em 1983 pela Prefeitura Municipal de Aracaju com o objetivo de homenagear o aniversário de morte do autor. Na obra, que apresenta 176 páginas, estão reunidas algumas crônicas escritas por Santana na fase final da sua vida.

O tema festas natalinas é destacado no tópico: Pesquisa e Outras Crônicas. Nele, o autor critica a discriminação contra as pessoas mais humildes da cidade e que habitam a periferia de Aracaju, afirmando que todos têm o direito de frequentar as festas de natal, considerada para ele uma tradição. É uma abordagem que já não se assemelha as obras antes mencionadas, haja vista, se tratar de um discurso que já não está voltado à elite, mas para o homem pobre que também deve fazer parte desses eventos.

Apesar de sucinto, Santana foi bastante feliz nesse questionamento a cerca das festas natalinas. Todavia, ao não destacar um daqueles indivíduos: seu nome, origem, objetivos e principalmente a sua importância enquanto sujeito que faz história e é estrutura dessa festa, Santana deixa lacunas ainda a serem preenchidas pelo campo acadêmico.

Escrita como contribuição ao Centenário de Aracaju, *“Praça da Matriz: Reminiscências: 1888-1955”*, de Corinto Mendonça, é uma obra que procura mostrar de forma saudosista (semelhantemente a Melins), diversos fatos acontecidos nesta Praça durante a sua infância e adolescência: a presença de circos, parques, manifestações folclóricas: “lambe-sujos”, “cabôclos”, “cavalhada”, “marujadas”, “a morte do galo”, festas populares, dentre as quais se destacam as festas de natal.

Na obra também são mencionadas as mudanças que ocorreram na estrutura física desta praça: aterramento, calçamento, pavimentação, a plantação de árvores, a implantação de um jardim que contribuiu para o seu embelezamento. Mudanças estas, que foram recomendadas pelos Códigos Sanitários. Corinto reserva já no final do livro, comentários acerca das pessoas que contribuíram para a mudança no aspecto físico da praça, onde ele se destaca como projetista da obra, haja vista ser o Diretor de Serviços Técnicos na Prefeitura Municipal de Aracaju da época e o apoio de outros: governo, prefeitos, enfim.

“Praça da Matriz”, composta por 71 páginas não é uma obra recomendada a quem se destina estudar os festejos natalinos, a partir de uma abordagem voltada para o homem pobre. Primeiramente porque é perceptível o destaque que o autor dá aos “feitos” da elite, marginalizando o homem pobre que com certeza contribuiu. O calçamento de uma praça, por exemplo, não foi feito pelo homem rico, foi mandada por ele, pois quem o fez foi o homem pobre, que na obra não é destacado. A respeito das festas natalinas, o autor apenas utilizou uma página e meia, onde descreveu e destacou algumas celebrações religiosas e algumas diversões.

O livro é, portanto, do ponto de vista da História Nova, merecedor da aplicação de um novo método de estudo.

“ Espaço, Disciplina e Festividades Numa Cidade Considerada Moderna- Aracaju-Se (1900-1930)”, de Lídia Meire Rocha dos Santos Fontes, graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe, é o tema de seu Trabalho de Conclusão de Curso, publicado em 1998.

Para Santos, as Festas de Natal, assim como a do Bom Jesus dos Navegantes , pode ser compreendida sob um ângulo em que podemos perceber não apenas a presença de expressões religiosas, mas outras também, a exemplo das festas, do lúdico, da sociabilidade. Santos

também é feliz quanto à riqueza bibliográfica, especialmente no que concerne aos teóricos da História Cultural e aos depoimentos relatados. Mostra que é um trabalho inovador no campo da História e que já não está voltada para a História Oficial. Contudo, em decorrência do período em que foi pesquisado, o trabalho não nos possibilita compreender as festas natalinas realizadas nas décadas de 40 e 50, destacando um sujeito histórico, haja vista a pesquisa analisar e destacar apenas fatos e o povo enquanto coletividade.

Os festejos foram destacados em: “*A Feirinha de Natal*”, de Armando Maynard. Da mesma forma que alguns dos autores anteriormente mencionados, este relato também se restringe a uma descrição e narração dos acontecimentos.

Maynard começa falando sobre o início das festas: as datas, a preparação, o local. Depois começa a descrever o que havia em cada espaço das praças, as celebrações, as danças, as músicas, o parque, as barracas de comida, os jogos.

Percebe-se nas últimas linhas que o objetivo em detalhar tais festas, mostrando-as como uma festa tradicional e como uma das formas de diversão do aracajuano na década de 40, decorre da crítica que ele faz a modernização, a qual vem acompanhada de novas formas de diversão, a exemplo dos videogames, conforme ele mencionou. Para ele são essas novas formas de diversão que vão substituir não apenas o carrossel, conforme ele colocou.. Para ele a modernização levou ao esquecimento da população essas festas.

Ainda que o autor tenha criticado ao final do texto a modernização em meio às formas de diversões tradicionais, o que não deixa de ser um ponto questionável, inserir o seu texto e o seu método de trabalho no ângulo com o qual optamos trabalhar é ainda inseguro, pois o autor deve acima de tudo que a história não trabalha apenas com o “descrever” e o “contar histórias”. “*A Feirinha de Natal*”, está presente no blog de Lygia Prudente, donde foi retirado no dia dois de setembro de dois mil e oito.

O memorialista Zózimo Lima escreveu “*Natal Triste*”. Nessa memória, o autor começa destacando que o natal de 1948, período o qual ele também vivenciou, foi de tristezas e de dificuldades financeiras para o homem simples. Segundo ele, havia muita miséria, injustiças e desigualdades sociais tanto na cidade quanto no campo, o que possibilitou o pequeno número de pessoas nas praças para participar do evento tradicional de natal. Observa-se na obra que o intuito do autor é criticar o governo da época, pois ele destaca que o governo dispõe de verbas e não utiliza para sanar esses problemas sociais e econômicos pelos quais passam os aracajuanos menos abastados.

O autor reserva as festas natalinas uma observação centrada nos aspectos econômicos e superficialmente sociais, onde apenas vai destacar os problemas que levaram a falta de interesse por parte da grande maioria das pessoas pobres, nas festas durante o ano de 1948.

Embora, o autor faça uma crítica ao governo da época, o qual constitui uma parte da elite, o seu trabalho ainda carece de um método que procure analisar os fatos, partindo da experiência do homem pobre, onde esta só seria possível chegar ao nosso conhecimento a partir do seu depoimento.

A ausência de um método voltado para a “história vista de baixo” e para a análise do cotidiano em grande parte das obras analisadas constitui uma lacuna a ser preenchida, o que torna, portanto, a pesquisa viável e enriquecedora para aqueles que se propõem a estudar esses festejos sob um ângulo valorizador das experiências e dos homens comuns.

III CAPÍTULO

MANIFESTAÇÕES POPULARES NAS FESTAS DE NATAL DE ARACAJU (1940-1950): O EXEMPLO DA CHEGANÇA DO ZÉ DO PÃO

Mostramos no capítulo anterior uma diversidade de fatos que acontecia ao mesmo tempo em que eram realizadas as festas natalinas em Aracaju nas décadas de 1940 e 1950: crimes, bebedeiras, brincadeiras, jogos, passeios, danças, exibição de grupos populares. Nota-se, portanto, que os festejos natalinos de Aracaju não eram apenas um evento voltado para atividades religiosas, conforme citado no primeiro capítulo. Ali acontecia a violência, as atividades lúdicas e algumas manifestações populares. Entre elas, destaca-se a Chegança do Zé do Pão

3.1. CHEGANÇA DO ZÉ DO PÃO: A ALEGRIA DAS DANÇAS E DAS MÚSICAS POPULARES NA PRAÇA DA MATRIZ

“ Nós entramos pela barra a dentro, nós entramos pela barra a dentro, sua tristeza corre pro mar, sua tristeza corre pro mar , nós avistamos o navio da proa, nós avistamos o navio da proa, nos dê licença pra nós entrar, nos dê licença para nós entrar...”²⁰

Assim iniciava a apresentação da Chegança do Zé do Pão na Praça da Matriz durante os festejos de natal em Aracaju em um palanque armado ao lado da Catedral Metropolitana de Aracaju: com muita música e alegria. Complementando a coreografia, havia “ o balançar “ de um lado para o outro dos seus dançarinos dando a impressão de que estavam em uma embarcação no mar.

Da mesma forma que outros grupos populares: Reisados, Catumbi, Pastoris, etc., a Chegança do Zé do Pão esteve presente nas festas de natal da Praça da Matriz durante a

²⁰ Trecho da música cantada por Leopoldo Moreira Andrade em entrevista . Aracaju..14/10/2008.

década de 1940. A apresentação desses grupos constituía para a população um marco central das festas e era com grande alegria que todos (ricos e pobres), dançavam, bebiam, brincavam e cantavam ao ritmo dos seus instrumentos musicais.

De acordo com Senhor Leopoldo, o grupo tinha como objetivo representar a luta entre mouros e cristãos, pois os “hereges”, como eram chamados os mouros, não aceitavam o batismo da religião cristã e por isso deveriam se combatidos²¹.

Assim, várias cenas eram apresentadas: morte do piloto, batalhas entre as figuras e a batalha final, onde venciam os cristãos.

Os personagens cristãos eram: o Comandante de Guerra (01), considerado o chefe maior; Capitão-Tenete (1); Capitão-Capelão (01), Capitão-Médico(01); Capitão-Patrão (01); Capitão-Piloto (01), estes faziam a permuta para comandar a Chegança e sempre entravam em atrito ; Almirante (01); Tenete-Artilheiro (02); Guarda-Moria (02); Gajeiro grande (01); Cabo-Guardião, Pandeiristas (02) e marinheiros que serviam para completar o grupo. Com relação aos personagens que representavam os mouros, senhor Leopoldo apenas citou o Rei (01) e Embaixador (02).

De acordo com Senhor Leopoldo, o número de componentes da Chegança do Zé do Pão, que eram na maioria de origem humilde, variava entre 16 e 20, sendo exclusivamente composta por homens.

As roupas, confeccionadas pelos próprios componentes, haja vista, a inexistência de ajuda de custo, a depender das funções dos personagens, eram brancas (para os personagens considerados de cargo superior) ou azuis (figuras de cargos inferiores). Os instrumentos eram dois pandeiros. As músicas eram feitas pelo líder ou eram oriundas de outras Cheganças.

Assim como os demais grupos, a Chegança do Zé do Pão começava fazendo a oração do Pai Nosso e o Santíssimo Sacramento em frente à Catedral. Ali o padre os abençoava e em seguida o grupo dava seqüência às encenações que eram realizadas no palanque ao lado. Esse ato mostra que os grupos populares apresentavam também um caráter religioso, demonstrado no momento inicial das suas apresentações. O Padre tinha que dá a benção aos grupos como forma de consentimento para a exibição.

De acordo com Senhor Leopoldo o início das apresentações geralmente acontecia às 16:00 horas mas havia vezes em que podiam iniciar às 18:00 horas. Cada exibição durava em média três a quatro horas, porém muitas vezes não dava tempo em decorrência de serem longas as suas cenas.

²¹De acordo com site da wikipedia, os mouros (também chamados de mauros) são um povo árabe-berbere que conquistou a [Península Ibérica](#), oriundos principalmente da região do [Saara](#) ocidental e da [Mauritânia](#).

As apresentações eram realizadas normalmente no período de festas natalinas e festas de reis. Cabia a Prefeitura providenciar o transporte dos grupos para conduzi-los até o local.

Segundo Senhor Leopoldo: “ *A Prefeitura dava um caminhão que saia de bairro em bairro pegando os grupos para levar até o local, eram as quadrilhas, os reizados, nós da Chegança e outros*”..

Para Ruth Lima de Andrade²², “Zé do Pão”, como ficou conhecido José Lima de Andrade nasceu na cidade de Capela²³ em 19 de março de 1898²⁴. O apelido decorre da sua profissão, pois foi padeiro da Marinha Mercante e assim ficou conhecido. “Zé do Pão” era casado com Maria Gomes de Andrade com quem teve oito filhos e residia na Rua Laranjeiras, Centro da capital. A respeito da origem do grupo, não tivemos maiores informações. Apenas que no período de 1941 a 1946 esteve presente na Praça da Matriz durante as Festas de Natal.

De acordo com Sílvio Romero: “*Cheganças são representações populares cujo enredo é hoje desenvolvido à base de declamações e, sobretudo cantos, estes acompanhados de músicas e danças*”²⁵.

Segundo Romero, no Brasil a Chegança é conhecida como um auto popular de assunto guerreiro, luta entre uma nau cristã que foi assaltada pelos Mouros que são vencidos e batizados. Embora que superficialmente, devido ao pequeno número de pesquisas, o autor fala sobre as origens dessas lutas em Portugal e na Espanha, as quais diferem da Chegança brasileira. Enquanto a Chegança portuguesa representa uma batalha entre cavaleiros, a espanhola simboliza a luta por um Castelo.

No século XIX Romero classificou as Cheganças como: Chegança dos Mouros e Chegança dos Marujos, classificação que se fundamentou na dualidade da temática desenvolvida. As Cheganças dos Marujos incluíam os autos circunscritos à representação de episódios náuticos chamados de Fandango, Barca, Nau Catarineta, Marujada, Marujos; enquanto as Cheganças dos Mouros abrangeriam as representações relacionadas ao contexto marítimo das lutas contra os seguidores de Maomé. Romero designa estas como representações da luta entre mouros e cristãos.

Partindo do depoimento de Leopoldo Moreira, percebe-se que a Chegança do Zé do Pão constitui um exemplo da Chegança dos Mouros, popularmente conhecida como “Chegança”,

²². Ruth Lima de Andrade nasceu na cidade de Capela em 17/08/1932 e é casada com o filho de “Zé do Pão”, Valdomiro Lima de Andrade. Atualmente é professora aposentada e reside à Rua Guaporé no Bairro Siqueira Campos, nesta Capital.

²³ Fundada em 1835, Capela é um município do Estado de Sergipe localizado a 67 Km da Capital.

²⁴ Faleceu em 07 de novembro de 1978 com 80 anos de idade.

²⁵ ROMERO, Sílvio. Cantos Populares do Brasil. São Paulo. 1954

pois da mesma forma, esse grupo retratava em suas apresentações a luta entre mouros e cristãos.

3.2. A CHEGANÇA DO ZÉ DO PÃO E OUTRAS CHEGANÇAS NA HISTORIOGRAFIA SERGIPANA

Alguns autores que se propuseram a versar sobre a cultura popular em Sergipe, dedicaram algumas páginas as Cheganças, contudo, tanto aquelas que mencionaram a Chegança do Zé do Pão, quanto àquelas que citaram outras, não salientaram em nenhum de seus capítulos a importância desse folguedo enquanto representação da cultura popular presente junto a elite nos festejos natalinos de Aracaju. Também não ficam claras as particularidades dos grupos citados, tornando difícil fazer a comparação com as informações que tivemos acesso a partir do Senhor Leopoldo e de dona Ruth.

Partindo dessa observação, explanaremos algumas dessas obras para que se torne melhor compreensível.

Dentre as pesquisas que se propuseram a retratar sobre a cultura popular em Sergipe, enfatizando as Cheganças destacam-se: “Danças e Folguedos: Iniciação ao Folclore Sergipano”, de Aglaé D’ Ávila Fontes de Alencar; “Textos Para a História de Sergipe”, obra coordenada por Diana Maria de Faro Leal Diniz e que teve a contribuição de Beatriz Góis Dantas, Maria da Glória Santana de Andrade, Lenalda Andrade Santos, Maria de Andrade Gonçalves e Terezinha Alves de Oliva; “Praça da Matriz: Reminiscências: 1888-1955 ”, de Corinto Mendonça; “Aracaju Romântica que Vi e Vivi:1940-1950”, de Murillo Melins; “Um Novo Entendimento do Folclore e Outras Abordagens Culturais”, de Luiz Antônio Barreto; “Manifestações da Lúdica Folclórica em Sergipe”, coordenada por Terezinha Alves de Oliva; “Folclore Sergipano”, de Paulo de Carvalho Neto; “Cadernos de Folclore: Chegança”, de Beatriz Góis Dantas; “Folclore: Danças e Folguedos”, coordenada pela Ensetur e “Aspectos da Cultura Sergipana”, de Milton Barboza da Silva e Luiz Fernando Ribeiro Soutelo.

“*Danças e Folguedos: Iniciação ao Folclore Sergipano*”, foi publicada em 1998 pela Secretaria de Estado da Educação em Aracaju com a finalidade de retratar, conforme o próprio tema diz, o folclore sergipano. Na obra a autora conceitua alguns grupos, destaca algumas músicas e fala da sua importância. Contudo não se aprofunda muito na Chegança. Um ponto positivo da obra é o seu caráter didático, que possibilita para o público em geral uma fácil compreensão acerca do que ela se propôs a estudar.

Publicada em 1991, “*Textos para a História de Sergipe*” como o próprio nome já presume, é uma obra composta por vários textos que se propõem a retratar aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais do Estado de Sergipe. Contudo, destacaremos apenas o texto:

“ *O Processo de Formação e as Manifestações Culturais em Sergipe*” da autoria de Maria de Andrade Gonçalves, o qual se dedicou ao estudo da cultura sergipana.

Inicialmente, Gonçalves procura mostrar as várias formas de cultura, a partir dos diversos grupos humanos. De acordo com ela, a cultura tanto pode ser a produção de bens materiais: artesanato, culinárias, vestuário, ornamentos, etc, quanto à produção de bens simbólicos: valores morais, sócias e políticos, língua, religião, música, danças, folguedos. As Cheganças se inserem nesta última classificação.

Embora com a finalidade de falar sobre os aspectos culturais em Sergipe, no que concerne às representações populares e especificamente as Cheganças, a autora não se aprofunda no conteúdo. Com relação às Cheganças, que ela classifica como “grupos folclóricos”, apenas é apresentada uma tabela contendo informações a respeito dos municípios que possuem tais grupos. Como exemplo ela cita a Chegança de Laranjeiras e a de Neópolis que apresentam em suas composições apenas homens.

Percebe-se também que em nenhum momento a autora fala da importância da Chegança enquanto representação popular- propagadora de uma cultura muitas vezes marginalizada-, também não fala sobre a sua origem, o que simboliza esse folguedo, enfim. Outros aspectos que não estão presentes em sua obra são: o significado das indumentárias, das coreografias, qual o período em que se apresentam, quais os personagens e suas funções, enfim, dados que se presentes nos possibilitariam cruzar com as informações relacionadas a Chegança do Zé do Pão, a qual mais adiante iremos destacar. O pouco que foi destacado nesse capítulo a cerca das Cheganças refere-se ao período de 1991.

Em Praça da Matriz: Reminiscências: 1888-1955”, Mendonça fala a respeito da Chegança de 1903, a qual fez muitas apresentações no período natalino naquela praça, contudo não informa o nome do líder e se ela é de Aracaju ou outro município.

Por outro lado, diferentemente de alguns autores Mendonça mostra o que simboliza esse folguedo- a perseguição aos mouros que não aceitavam o batismo cristão- assim como descreve algumas cenas, personagens, músicas e indumentárias. Com relação aos participantes, de acordo com ele, o grupo era composto por pessoas humildes, as quais muitas vezes improvisavam a indumentária do personagem que representavam.

Apesar da ausência de algumas informações que a obra possui a respeito desse Folgado e de retratar um período que difere do contexto com o qual esse trabalho se propôs a trabalhar, a obra não deixa de proporcionar ao leitor um prévio entendimento sobre a Chegança retratada.

“*Aracaju Romântica que Vi e Vivi: 1940-1950*”, de Murillo Melins, reserva as Cheganças, especificamente a Chegança do Zé do Pão, apenas algumas linhas, onde o autor fala sobre o

significado das apresentações. Da mesma forma que Mendonça, a Chegança do Zé do Pão representava a luta entre mouros e cristãos, onde estes queriam batizar os primeiros. Melins fala também sobre o período e local onde esse grupo se exibia: um palanque montado ao lado da catedral durante os festejos natalinos de Aracaju. Descreve também algumas cenas de forma muito superficial e não se aprofunda mais deixando no leitor a curiosidade de saber a origem do grupo, o porquê do termo “Zé do Pão”, quantos componentes, quais as indumentárias, as músicas, enfim, dados que possibilitariam um melhor conhecimento sobre o grupo. Da mesma forma que as obras supracitadas, “Aracaju Romântica que Vi e Vivi” não mostra em nenhum momento a importância das Cheganças enquanto representação popular.

“*Um Novo Entendimento do Folclore e Outras Abordagens Culturais*”, publicada em 1944 por Luís Antônio Barreto, da mesma forma que a obra anterior é bastante sucinta com relação às Cheganças.

Por outro lado, Barreto mostra a importância desse folguedo principalmente no Nordeste, assim como destaca alguns exemplos de Cheganças em nosso estado: Chegança de Fausto, em Carmópolis; Chegança de Paulo, em Lagarto; Chegança de Itabaiana e a de Oscar em Laranjeiras.

Em um outro parágrafo o autor fala sobre o período em que estes folguedos se apresentavam especificando cada município. A Chegança do Zé do Pão se apresentava principalmente em festas natalinas e festa de reis, assim como as Cheganças de Laranjeiras e Japaratuba. Em Lagarto, o grupo que existia se apresentava além da festa de reis também no dia de emancipação do município.

Um outro dado importante e que não presenciamos em grande parte das obras aqui retratadas refere-se à origem da Chegança, que segundo Barreto surgiu provavelmente com a reconquista espanhola e a luta entre cristãos e mouros por volta do século XIII.

“*Manifestações da Lúdica Folclórica em Sergipe*” publicada em 1975, procura listar alguns grupos populares: Cirandas, Reisados, Marujadas, Lambe-Sujo, Catumbis Chegança, apontando alguns municípios onde existiam esses grupos, os nomes dos chefes, endereço, número de participantes, instrumentos, período de apresentação e faixa etária dos componentes. Vale ressaltar que a respeito de algumas Cheganças nem sempre a autora terá todas as informações.

No que concerne as Cheganças, segundo Terezinha Alves de Oliva, na década de 75 este folguedo esteve presente em vários municípios sergipanos: *Amparo do São Francisco, Aquidabã, Barra dos Coqueiros, Brejo Grande, Carmópolis, Divina Pastora, Ilha das Flores,*

Itabaiana, Japaratuba, Lagarto, Laranjeiras, Neópolis, Riachuelo, Itabi, “Maroim” e Pacatuba.

Em *Amparo do São Francisco*, cujo chefe era Antônio Virgulino, o grupo se apresentava nos meses de fevereiro e dezembro. Essa Chegança era composta exclusivamente por homens, variando de 20 a 30 pessoas com faixa etária de 14 a 60 anos de idade. Em *Aquidabã*, o líder era Eliseu José dos Reis e se apresentavam em festas de fim de ano. A respeito dos componentes, faixa etária, instrumentos musicais, indumentárias a autora não mencionou. Na *Barra dos Coqueiros*, a Chegança estava sob a liderança de Cunca. A respeito dos componentes, faixa etária e período de apresentação a autora também não apresenta informações.

Outro município onde o grupo esteve presente foi *Brejo Grande*, onde se apresentavam nas festas de natal. Os seus instrumentos eram os pandeiros e o grupo era composto por 30 homens e 02 mulheres com faixa etária de 20 a 60 anos. Os chefes eram Manoel Melo e Manoel Feitosa Santos.

Em *Carmópolis*, cuja liderança ficava a cargo de Fausto Maciel, a Chegança se apresentava no dia 06 de janeiro e utilizavam pandeiros e tamborins como instrumentos musicais. Na Chegança de *Divina Pastora* o número de participantes era variável, o líder era Manoel Messias da Conceição e os instrumentos eram os tamborins; Em *Ilha das Flores* o líder do grupo era Sr. Lulu. Havia nessa Chegança 30 componentes com faixa etária entre 10 e 60 anos, as apresentações eram em janeiro ou época de natal e os instrumentos eram pandeiros.

Na Chegança do município de *Itabaiana*, cuja apresentação era sempre no natal, o líder era Sr. Abué, o número de participantes eram 40 com faixa etária entre 20 e 40 anos e os instrumentos eram os mesmos que o da Chegança anterior. Na Chegança de *Japaratuba* o líder era José Messias Santos, o número de participantes eram 32 com faixa etária entre 20 e 60 anos e se apresentavam em 06 de janeiro. Em *Lagarto*, Paulo Francisco de Carvalho, mais conhecido como Paulo Ferreira conduzia o grupo. Semelhante ao grupo de Brejo Grande, apresentava em sua composição homens e mulheres. Os instrumentos eram pandeiros e o grupo se apresentava nos meses de setembro e dezembro.

A Chegança de *Neópolis* era liderada por Zaconias José dos Santos. O grupo que apenas se apresentava no natal era composto por 24 homens com faixa etária entre 10 e 60 anos de idade. O Grupo do município de *Riachuelo*, liderado por Otacílio de Souza, era formado por 32 pessoas com faixa etária variável e se apresentava no dia 06 de janeiro. A respeito das

Cheganças de Itabi, “Maroim” e Pacatuba, a autora não colocou nenhuma informação alegando ser insuficientes.

Percebe-se nesta obra tanto a ausência de mais informações a cerca desse folguedo, as quais possibilitariam uma comparação com as Cheganças mencionadas em outras obras, quanto à ausência de uma abordagem retratando a importância cultural e social dessas manifestações, o que a torna passível de complementações.

“*Folclore Sergipano*”, cuja autoria se deve a Paulo de Carvalho Neto, foi a obra que menos e propôs a falar sobre as Cheganças. Publicada em 1923, “*Folclore Sergipano*” apenas menciona no capítulo XIV que as Cheganças constituem um auto dramático, não informando o porquê e não se aprofundando mais a cerca dessas manifestações. A obra é, portanto, inviável ao estudo sobre as Cheganças, a utilizamos apenas no sentido de comparar a forma como cada autor procurou abordar tais grupos.

Na obra “*Cadernos de Folclore: Chegança*”, publicada na década de 70, a autora fala inicialmente a respeito do conceito e da classificação feita por Sílvio Romero a cerca das Cheganças, informações as quais já foram mencionadas anteriormente. Em seguida Dantas afirma que se propõe a estudar apenas as Cheganças de Laranjeiras e a de Lagarto, as quais se caracterizam como Chegança dos Mouros- aquela que mostra a luta entre cristãos e mouros..

A respeito da Chegança de Laranjeiras, a qual ainda conserva certo aspecto religioso, Dantas fala sobre o período de sua representação: no dia 06 de janeiro, onde se celebra o a festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário juntamente com os demais grupos. A autora também mostra a justificativa para a inclusão desse folguedo na festa da Igreja, a qual seria resultado de uma promessa feita por um dos tripulantes de uma embarcação que durante viagem enfrentou longa tempestade e invocou a Virgem do Rosário e por sua intercessão foi milagrosamente salvo.

Com relação à Chegança de Lagarto, a qual não se insere diretamente em festas religiosas, as louvações aos santos e ao nascimento do Menino Jesus resume-se a breves cantos entoados diante da Igreja. Sua origem é explicada pelo grupo de maneira profana: teria sido criada pela Marinha de Guerra de Portugal em 1810 talvez por influência dos eruditos.

Embora tanto a Chegança de Laranjeiras quanto a de Lagarto apresentem algumas diferenças: a origem do grupo, por exemplo, ambas apresentam em certos aspectos muita semelhança: os personagens, os trajes, as partes, os instrumentos musicais, a coreografia, enfim. Partindo dessa observação, Dantas detalhou cada um desses aspectos.

Segundo Dantas, há vários personagens nas Cheganças a que ela se propôs a estudar. Há aqueles que se identificam como sendo os cristãos e aqueles como sendo os mouros. Ambos contracenando durante toda a apresentação.

Os personagens da Chegança, os quais apareciam atuando como cristãos seriam: O Piloto, o General, o Almirante, Vice-Almirante, Patrão, Contramestre, Capitão-Tenente, 1º Tenente, 2º Tenente, Gajeiros, Calafatinho, Padre, Doutor Medicina e marinheiros. Estes aparecem como tripulantes da embarcação, trajados à imitação da Marinha.

Os personagens identificados como mouros são: rei, embaixadores e às vezes princesas. Estes personagens tachados de infiéis são considerados os inimigos dos personagens cristãos.

Quanto às vestes, trajam-se os marujos à imitação da Marinha com roupas brancas e detalhes azuis ou amarelo-ouro. Os personagens mais graduados a oficialidade portam espadas. O piloto carrega uma buzina, instrumento destinado a transmitir falas a pequenas distâncias. O rei mouro usa um manto vermelho, coroa e espada. Seus embaixadores trajam roupa branca, trazendo uma faixa no peito com indicação do seu posto. Usam também espada e um turbante.

No que se refere aos instrumentos musicais e aos ritmos da Chegança, quatro a seis pandeiros fazem a música instrumental da Chegança, ale desses instrumentos de percussão fazem parte um apito, utilizado pelo Piloto ou pelo General para o comando das evoluções e mudança de “marchas”, as quais correspondem aos toques dos pandeiros e são em número de quatro: marcha batida, marcha bailada, marcha ligeira e marcha lenta.

De acordo com a autora fazer uma análise a cerca da música da Chegança é uma questão bastante complexa, pois, é difícil determinar quais são as músicas cantadas por todas as Cheganças de Sergipe que tem origem Ibérica. Segundo ela, essa dificuldade existe pelo fato de vários grupos muitas vezes não terem músicas em comum. Contudo a autora ainda destaca alguns tipos de canções: Canções baseadas ou influenciadas pelo cantochão, cuja origem é contraditória, afirmando uns ser de origem portuguesa e outros de origem do nordeste do Brasil; Canções de origem melódico-rítmico europeu; Canções folclóricas de origem brasileira e Canções de fonte erudita ou canções compostas.

Quanto à coreografia, também analisada na obra a autora afirma que há uma formação básica dos dançadores da Chegança em fileiras. Havendo uma troca constante de lugar entre quase todos os personagens para que as cenas se concretizem.

Na maioria das jornadas, a movimentação dos pés se reduz a quase nada. Sem sair do lugar os dançarinos se movimentavam de um lado para o outro, imitando acompanhar o movimento da embarcação no mar. Em algumas delas a dança se torna mais visual e as duas

fileiras avançam algumas vezes passos para dentro, algumas passo para fora, afastando-se e aproximando-se alternadamente.

Para Beatriz Góis Dantas, a Chegança se ajusta a caracterização feita por Mário de Andrade para a composição das danças dramáticas. Constitui-se de duas partes distintas: o cortejo, caracterizado coreograficamente por peças que permitem a locomoção dos dançadores e a parte propriamente dramática, caracterizada pela representação mais ou menos coreográfica de um entrecho e exigindo arena fixa, sala, tablado, frente de casa, pátio ou igreja.

Percebemos em “*Cheganças*”, uma variedade de informações e detalhes que não foram notados na maioria das obras analisadas. Apesar dessas informações não se referirem a Chegança do Zé do Pão, tampouco as décadas de 40 e 50, pois apenas foram analisadas a de Laranjeiras e a de Lagarto presentes durante a década de 1970, não podemos deixar de reconhecer a sua importância, pois a partir dessas informações é possível fazer uma comparação com a Chegança do Zé do Pão, percebendo as suas semelhanças e diferenças. Em outras obras, embora que de forma bem ínfima, também poderemos fazer alguma comparação, contudo, devido a riqueza de detalhes que Dantas se utilizou poderemos perceber melhor alguns aspectos. Entretanto, uma observação que não podemos deixar de fazer com relação à obra de Dantas é quanto à ausência de um tópico destacando a importância da Chegança enquanto cultura popular, o que a iguala, nesse aspecto, com maioria das obras.

“*Folclore: Danças e Folguedos*” é um livreto organizado pela Empresa Sergipana de Turismo- Ensetur que fala sobre alguns grupos populares de Sergipe: Cacumbi, Pastoril, Lambe-Sujo, Cabloquinhos, Cheganças, etc.

O livreto começa enfatizando sobre a riqueza e a variedade das manifestações populares em Sergipe, as quais revelam profundas marcas de aculturação e sincretismo. Essas marcas segundo a obra, são perceptíveis nas danças, nos folguedos, em cortejos e em festas populares.

A respeito da Chegança, esta é identificada como uma representação dramática onde há lutas e um profundo aspecto religioso. De acordo, com as informações ali contidas, em Sergipe pode-se encontrar Cheganças no município de São Cristóvão, em Carmópolis, em Itabaiana e em Lagarto.

“*Aspectos da Cultura Sergipana*”, de Milton Barboza da Silva e Luiz Fernando Ribeiro Soutelo foi a última obra que tivemos contato. Publicada em 1997, esta obra teve como objetivo estudar os aspectos históricos, geográficos e culturais de Sergipe.

No que concerne aos aspectos culturais, os autores reservaram um capítulo ao estudo do Folclore Sergipano, onde é mencionada a Chegança de Laranjeiras.

A Chegança descrita é a mesma descrita por Beatriz Góis Dantas na obra “Cadernos de Folclore: Cheganças”, a qual já analisamos: apresenta-se geralmente no dia 06 de janeiro nas festas de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, sua origem é devido a uma promessa feita por um tripulante e essa Chegança simboliza a luta entre mouros e cristãos.

Tendo em vista as informações obtidas através dos depoimentos de Leopoldo Moreira Andrade, as quais nos possibilitaram um maior conhecimento a respeito da Chegança do Zé do Pão, podemos perceber algumas semelhanças e diferenças quanto as Cheganças supracitadas.

Da mesma forma que a Chegança mencionada por Corinto Mendonça, a Chegança do Zé do Pão também apresentava como componentes pessoas humildes, as quais diversas vezes não tinham condições de adquirir as vestes e os adornos para a apresentação e muitas vezes tinham que improvisar. Uma outra semelhança que encontramos foi quanto a composição ser feita exclusivamente por homens. Nesse ponto convergem as Cheganças de Neópolis, Amparo do São Francisco e Aquidabã, mencionadas na obra “*Manifestações da Lúdica Folclórica em Sergipe*”, de Terezinha Alves de Oliva. Com relação ao que representa esse folguedo- lembremos que a Chegança do Zé do Pão é classificada como Chegança dos Mouros ou simplesmente Cheganças, pois representa a luta entre mouros e cristãos- também podemos perceber esse mesmo significado nas Cheganças retratadas por Corinto Mendonça, Murillo Melins, Luís Antônio Barreto, Beatriz Góis Dantas, Milton Barboza da Silva e Luiz Fernando Ribeiro Soutelo.

Os instrumentos musicais, o período em que se apresentava e as vestimentas da Chegança do Zé do Pão, foram os outros aspectos que também constatamos algumas semelhanças. Da mesma forma que a Chegança do Zé do Pão, todas as Cheganças mencionadas, com exceção da do município de Divina Pastora, a qual utilizava tamborins, tinham como instrumentos musicais os pandeiros. O período de apresentação, que geralmente era nas festas de natal e em festas de reis também se iguala ao de grande parte das Cheganças mencionadas. A respeito das vestimentas percebe-se uma compatibilidade com tanto com as Cheganças mencionadas por Dantas quanto pela mencionada por Silva e Soutelo.

Por outro lado, algumas Cheganças retratadas diferem da Chegança do Zé do Pão, a exemplo da do município de Brejo Grande e a de Lagarto que já apresentam em sua formação além de homens, mulheres. O número de componentes também é bastante diversificado de uma para outras. Assim como a faixa etária, os personagens, os instrumentos, enfim.

Apesar de tudo não podemos deixar de reconhecer a importância das informações a cerca desses grupos, pois são a partir delas que podemos entender que as Cheganças apresentam particularidades que ao mesmo tempo em que nos possibilitam diferir umas das outras também nos mostram a autenticidade de cada grupo. Da mesma forma não devemos deixar de reconhecê-los enquanto exemplos de cultura popular, tão importante quanto a chamada “cultura de elite” que exclui o homem simples da sua participação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Praça Olímpio Campos, também conhecida como Praça da Matriz foi durante as décadas de 1940 e 1950, palco de uma das mais importantes festas populares da Cidade de Aracaju- As Festas de Natal.

Nesse contexto não havia muitas opções de locais para o homem comum comemorar as festas natalinas. Havia alguns Clubes, a exemplo do Iate Clube de Aracaju, Recreio Club, Associação Atlética de Sergipe, contudo, estes eram voltados para a realização de festas particulares, onde apenas os mais bem abastados podiam frequentar.

As Festas Natalinas realizadas na Praça da Matriz durante as décadas de 1940 e 1950 trouxeram consigo uma ampla programação, onde nela estavam contidas desde atividades religiosas até atividades lúdicas.

Para Mauro Passos, toda festa por mais religiosa que tente ser, traz com ela aspectos profanos, pois a vontade do povo é independente do objetivo dessa festa. Nota-se que essa característica está presente nas festas de natal realizadas em Aracaju nas décadas de 1940 e 1950.

Perceber tal característica só foi possível mediante a utilização de Jornais e Processos da época. Através dessas fontes, vimos que essas festividades apresentaram um universo de acontecimentos bastante amplo e que este ainda não foi retratado de forma simultânea pela historiografia sergipana.

Desse universo fazem parte os aspectos religiosos, manifestados principalmente através das Missas e Procissões realizadas pela Igreja Católica; os aspectos lúdicos, onde os jogos, as brincadeiras, as bebedeiras, os parquinhos, as apresentações de grupos populares, considerados o ponto central das festas são alguns exemplos e os crimes ocorridos durante esse período que contrariam o sentido dessas festas - alegria, diversão, solidariedade, fé -. Com exemplos desses crimes destacamos os espancamentos, os homicídios, etc.

Notamos que para perceber esse universo, ou seja, a diversidade de acontecimentos presentes nas festas natalinas de Aracaju realizadas durante o período de 1940 e 1950 o historiador deve se posicionar a favor dos paradigmas da Nova História, a qual não exclui das

suas pesquisas o homem simples, os acontecimentos comuns. Nesse sentido, para que pudéssemos tornar a pesquisa mais enriquecedora utilizamos alguns teóricos adeptos da Nova História.

A nossa intenção foi mostrar todo o universo que perfazia as festas de natal em Aracaju, destacando tanto os seus aspectos religiosos e lúdicos quanto e os crimes que fizeram parte desse contexto e que constituíram um cotidiano diferente da rotina de alegria, diversão e fé que essas festas trouxeram para o aracajuano durante as décadas de 1940 e 1950.

FONTES

1-IMPRESSAS: JORNAIS

- A Cruzada. Aracaju. 25 de dezembro de 1948.
- A Cruzada. Aracaju. 25 de dezembro de 1949.
- A Cruzada. Aracaju. 07 de janeiro de 1950.
- A Cruzada. Aracaju. 02 de janeiro de 1951.
- A Cruzada. Aracaju. 13 de dezembro de 1953.
- A Cruzada. Aracaju. 24 de dezembro de 1954.
- A Cruzada. Aracaju. 01 de janeiro de 1955.
- A Cruzada. Aracaju. 24 de dezembro de 1956.
- Correio de Aracaju. Aracaju. 02 de dezembro de 1940.

2- JUDICIAIS: AUTUAÇÃO E PORTARIA

- Autuação de 30 de dezembro de 1939. Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe.
Documentação pré-classificada. 2ª Vara Criminal. Caixa nº 14.
- Autuação de 06 de janeiro de 1945. Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe.
- Documentação pré-classificada. 2ª Vara Criminal. Caixa nº 32.
- Autuação de 01 de janeiro de 1955. Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe. Documentação pré-classificada. 2ª Vara Criminal. Caixa nº 75.
- Portaria s/ nº de 23 de dezembro de 1949. Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe.
Documentação pré-classificada. 2ª Vara Criminal. Caixa nº 51.

3- ORAIS:

- Leopoldo Moreira de Andrade. Aracaju. 14/10/2008.
- Ruth Lima de Andrade. Aracaju. 22/11/2008.

4- ELETRÔNICAS:

<http://lygiaprudente.blogspot.com/2008/07/feirinha-de-natal.html>. Aracaju. Pesquisado em 02 de setembro de 2008 às 23:20 h.

http://informesergipe.com.br/pagina_data.php?sec=3&&rec=7251&&aano=2004&&mms=12. Aracaju. Pesquisado em 02 de setembro de 2008 às 23:23 h.

<http://igc.infonet.com.br/imprimir.asp?codigo=5057&catalogo=5&inicio=>. Aracaju. Pesquisado em 24 de setembro de 2008 às 23:27 h.

<http://www.correiodesergipe.com/lernoticia.php?noticia=1389>. Aracaju. Pesquisado em 02 de setembro de 2008 às 23:45 h.

http://www.releituras.com/nezlima_natal.asp. Aracaju. Pesquisado em 02 de setembro de 2008 às 23:57h.

<http://www.aracajuantigga.blogspot.com/2008/12/festas-natalinas.html>. Aracaju. Pesquisado em 03 de setembro de 2008 às 22:45h.

<http://www.visitearacaju.com.br>. Aracaju. Pesquisado em 03 de setembro de 2008 às 22:59h.

<http://www.wikipedia.com.br>. Aracaju. Pesquisado em 03 de setembro de 2008 às 00:15h.

http://br.babelfish.yahoo.com/translate_txt. Aracaju. Pesquisado em 05 de outubro de 2008 às 21:30.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, Verena. *História Oral: A Experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro. Centro de Pesquisa e Documentação de História. Contemporânea Brasil. 1989. (Págs 45-99)

ALENCAR, Aglaé D' Ávila Fontes de. *Danças e Folguedos: Iniciação ao Folclore Sergipano*". Aracaju. 1998.

BARRETO, Luís Antônio de. *Um Novo Entendimento do Folclore e Outras Abordagens*. Sociedade Editorial de Sergipe. Aracaju. 1944. (págs 151-152).

BARROS, José D' Assunção. *O Projeto de Pesquisa em História: Da escolha do tema ao quadro teórico*. Editora Vozes.

BARROS, Marcelo; BERKENBROCK, Volney J. , COELHO, Antônio Carlos; KONINGS, Johan; MAGALHÃES, Beatriz Ricardina de; PASSOS, Mauro; PEREZ, Lea Freitas; WEBER, Franz. *A Festa na Vida: Significado e Imagens*. Mário passos (org.). Editora Vozes. Rio de Janeiro. 2002.

BURKE, Peter (org.). *Escrita da história: Novas Perspectivas*. Trad. Magda Lopes. Editora da Universidade Estadual Paulista. São Paulo. 1992.

BURKE, Peter, *O que é História Cultural*. Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de janeiro: Jorge Zahar . 2005.

CABRAL, Mário. *Roteiro de Aracaju: Guia Sentimental da Cidade*. Aracaju, 1955. (Pgs 75-85).

CARNEIRO, Edison. *Folguedos Tradicionais*. Rio de janeiro. 1982 (págs. 129-133).

CARVALHO-NETO, Paulo de. *Folclore Sergipano*. 2ª edição. Editorial de Sergipe. Aracaju. 1994. (págs. 34 e 90).

- DANTAS, Beatriz Góis. *Cadernos de Folclore: Chegança*. Rio de Janeiro. 1976 (págs.03-09).
- DANTAS, Beatriz Góis. *Notas Prévias Sobre Rituais Folclóricos Numa Festa de Igreja: A Festa de São Benedito Na Cidade De Laranjeiras*. Aracaju. 1976.(págs.8-11).
- ENSETUR. *Folclore, Danças e Folguedos*. Aracaju. s/ data.
- FILHO, Clodoaldo de Alencar. Aracaju Etc & Tal. Aracaju. 1980.
- Governo de Sergipe, Secretaria de Estado do Planejamento-SEPLAN, Instituto de Economia e Pesquisa, *Monografias Municipais: Aracaju*. 1983. (P. 124)
- FONTES, Lídia Meire Rocha dos Santos. Trabalho de Conclusão de Curso: *Espaço, disciplina e festividades numa cidade considerada moderna (1900-1930)*. Aracaju, 1998.
- MEDINA, Ana Maria Fonseca. *Ponte do Imperador*. Gráfica J. andrade. Aracaju. 1999.
- MELINS, Murillo, *Aracaju Romântica que vi e vivi*, 2ª ed., Aracaju, 2001.(Pgs. 33-44)
- MENDONÇA, Corinto. *Praça da Matriz: Reminiscências (1888-1955)*. Aracaju. 1955. (págs.07-61).
- OLIVA, Terezinha Alves de. *Manifestações da Lúdica Folclórica Em Sergipe*. Aracaju. 1975. (págs. 10-14).
- OLIVA, Terezinha Alves de; ALMEIDA, Maria da Gloria Santana de; GONCALVES, Maria de Andrade; SANTOS, Lenalda Andrade. *Textos para a história de Sergipe*. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, BANESE, 1991.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy, *História e História Cultural*, ed. Autêntica.
- ROMERO, Sílvio. *Cantos Populares no Brasil*. 1954. (págs.32-34)
- SANTANA, Arnulfo Santos. *Aracaju dos Meus Amores*. Gráfica J. Andrade. Aracaju. 1983. (págs. 97-98).
- SILVA, Milton Barboza da; SOUTELO, Luís Fernando Ribeiro. *Aspectos da Cultura Sergipana*. 1997. (págs 12-13).

SOUSA, Antônio Lindvaldo. *O Eclipse de Um Farol: Contribuição aos Estudos Sobre a Romanização da Igreja Católica no Brasil (1911-1917)*. São Cristóvão Editora UFS. Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. Editora Cortez. São Paulo. 2001.

ANEXOS I
ILUSTRAÇÕES

O CARROSSEL DO TOBIAS



Fonte: <http://lygiaprudente.blogspot.com/2008/07/feirinha-de-natal.html>. Foto: Armando Maynard. Aracaju. Pesquisado em 29/12/2008.

FEIRINHA DE NATAL NA PRAÇA DA MATRIZ (1940)



Fonte: MELINS, Murillo, Aracaju Romântica que vi e vivi, 2ª ed., Aracaju, 2001.

CATEDRAL METROPOLITANA DE ARACAJU



Fonte: <http://www.visitearacaju.com.br/Aracaju>. Pesquisado em 29/11/2008.

CHEGANÇA DA CIDADE DE JAPARATUBA

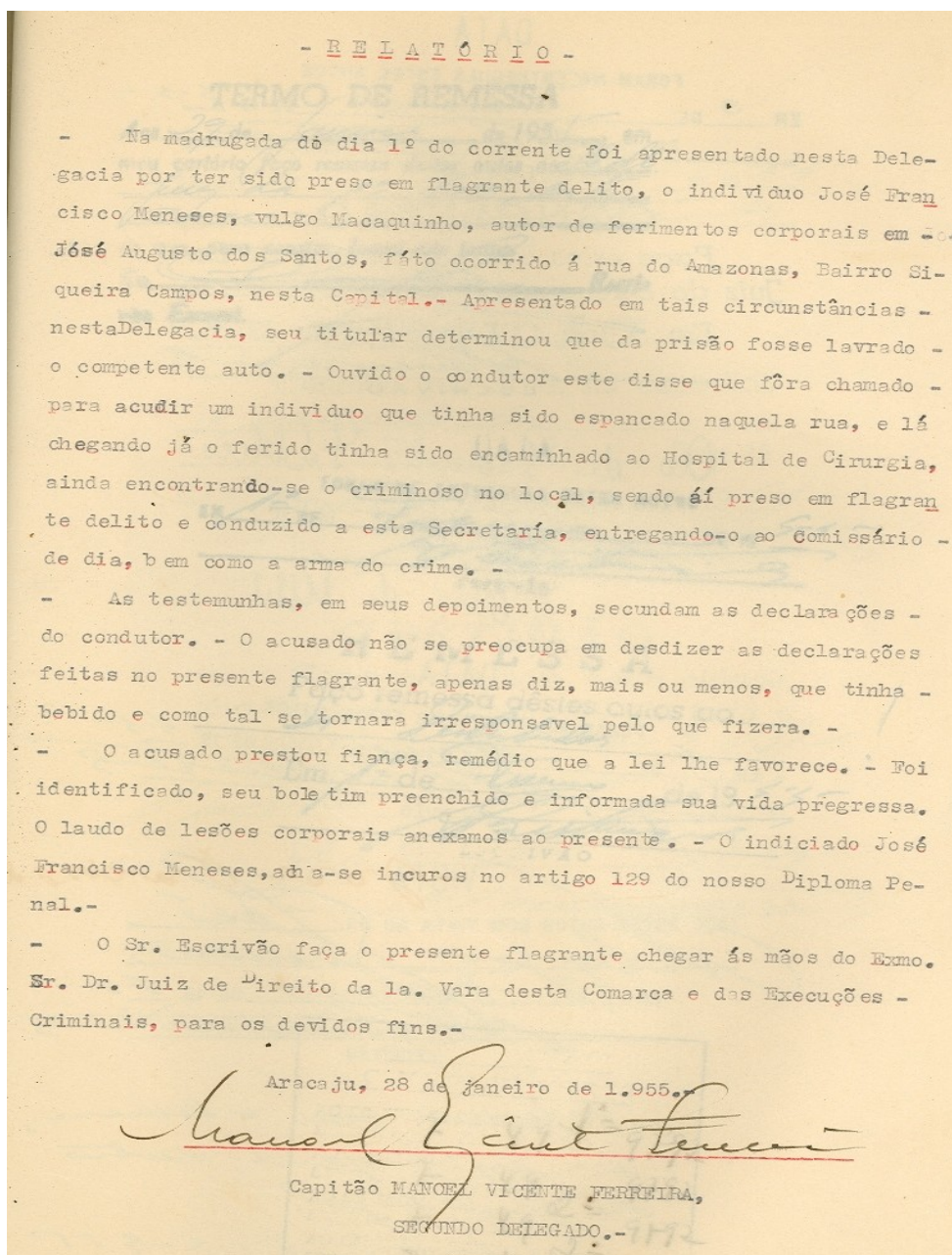


Fonte: <http://www.japaratuba.se.gov.br/folclore.htm>. Aracaju. Pesquisado em 20/11/2008.

ANEXOS II

PROCESSOS JUDICIAIS E JORNAIS

RELATÓRIO QUE SE ENCONTRA ANEXO AO PROCESSO DE AUTUAÇÃO CONTRA JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS



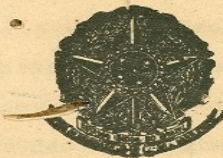
Fonte: Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe. 2ª Vara Criminal. Caixa nº 75. Aracaju.

01/01/1955.

CAPA DO PROCESSO DE AUTUAÇÃO CONTRA JOSÉ MAXIMINIANO

DOS SANTOS ESPECIFICANDO O CRIME

DELEGACIA AUXILIAR.



ESTADO DE SERGIPE
193 9

Escrivão *Pedro Lima*

Diligencias policiaes *Flagrante delicto, contra*
Manoel Honorino de Jesus, por ter ferido com
um canivete "Paupeão" na rua João Pessoa, a fis-
cal da F. P. F. A. Manoel Abreu de Souza.

Autuação

Aos *trinta* dias do mez de *Dezembro* do
anno de mil e novecentos e trinta e *noventa* era christã, nesta cidade de Ara-
cajú, capital do Estado Federado de Sergipe, em meu cartorio, no Departa-
mento de Segurança Publica, autuo *a portaria*
e mais peças
que adiante se seguem : do que lavro este termo. Eu, *Pedro*
Lima, escrivão que subscrevi.

Fonte: Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe. 2ª Vara Criminal. Caixa nº 14. Aracaju.

30/12/1939

PORTARIA S/Nº REFERENTE AO SUICÍDIO DE

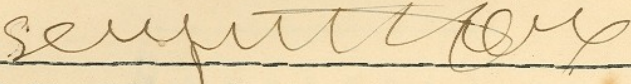
ANTÔNIO CÔELHO FILHO

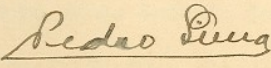

ESTADO DE SERGIPE
SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
PRIMEIRA DELEGACIA DE POLICIA

PORTARIA S/N.

Tendo esta Delegacia ciência de que hoje às 12 horas, o cidadão Antonio Coelho Filho, suicidara-se, cortando a garganta com uma navalha, em sua residência, à rua Nobre de Lacerda, 527, o Snr. Escrivão, atuando esta, notifique os Drs. Aloisio Coutinho Neves e Arnaldo José Faleiro, médicos clínicos, peritos por mim nomeados, para procederem ao levante de corpo e exame cadavérico da vítima, em sua residência, onde se encontra, lavrando-se o termo de apreensão da arma homicida, prosseguindo-se nas demais diligências na forma processual.

C U M P R A - S E .


SERAPIÃO DE AGUIAR TORRES, 1º Delegado de Polícia.

Certidão
Certifico que dei cumprimento a portaria supra, do que ficarei bem ciente, e conforme adiante se vê. Orefeido e' verdade e dou fe.
Aracaju, 23 de Dezembro de 1949
O Escrivão,


Fonte: Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe. 2ª Vara Criminal. Caixa nº 51. Aracaju.

23/12/1949.

PROGRAMA DA FESTA DA PADROEIRA DA CIDADE DE

ARACAJU DURANTE O PERÍODO DE FESTAS NATALINAS

Programa da Festa da Padroeira

(Reproduzido, por ter saído incorreto).

O dia 28 de novembro, às 19 horas, procissão luminosa de Nossa Senhora das Graças, da Matriz de São José à Catedral, em cujo adro, falará o Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano, dando por abertas as solenidades da Padroeira. Bênção do SS. Sacramento.

De 29 de novembro a 7 de dezembro, Cada manhã, às 6,30 hs., Santa Missa, dialogada em vernáculo pelos fiéis, homilia, sagrada comunhão. À noite, pelas 20 hs., com a presença do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano, do Revmo. Clero, Ação Católica, Associações Religiosas e fiéis, soleníssimo Novenário. Preparará todas as noites, bem como, pela manhã, o Revmo. Padre Beneditino, Dom Jerônimo Sá, do Mosteiro de Garanhuns, em Pernambuco. O piedoso e culto sacerdote brasileiro fará uma série de palpitantes conferências, abordando, entre outros, os seguintes assuntos: — A Família, os Problemas Sociais, o Espiritismo, o Cristo e o Mundo Moderno, Nossa Senhora.

No dia 2 de dezembro — domingo, as missas, nos horários de sempre, serão dialogadas em português, como de costume, pelos fiéis. A Missa das 9 horas será cantada.

Em 6 de Dezembro, Soleníssima Festa da Imaculada Conceição. Em todas as Igrejas da Capital, Santas Missas, com pregações sobre o grande Mistério da Imaculada Conceição. Comunhão geral. Na Catedral, haverá Missas às 4,45, 6, 7, 8, hs., com pregações e Comunhão geral. As missas serão sempre dialogadas.

As 9 hs., imponente pontifical pelo Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. Ao Evangelho, pregará Dom Jerônimo Sá, Presbítero, Assistente: — Mons. Carlos C. Costa, Primeiro Diácono do Sólito: — Cônego José Geminiano de Freitas, Segundo Diácono do Sólito: — Cônego José Machado, Diácono do Altar: — Padre Espiridião Gois, Subdiácono do Altar: — Padre José Callini, Mestre de Cerimônias: — Cônego Valdemar Resende. Cantará a Missa Pontifical, o Seminário Diocesano.

As 16 hs., grandiosa Procissão de Nossa Senhora da Conceição. Excelso Padroeira da Diocese e de Aracaju, com a presença do Exmo. Sr. Bispo Diocesano, que presidirá ao imponentíssimo cortejo, do Revmo. Cabido, Revmo. Clero, Exmas. Autoridades, Seminário Diocesano, Revmas. Religiosas, Ação Católica, Paróquias da Capital, com as respectivas Associações Religiosas, Representações das Paróquias do Interior, Colégios da Capital e os fiéis em geral.

Itinerário da Procissão: — Praça Olímpio Campos, rua de Santa Luzia, Avenida Barão de Maraim, Praça Camerino, Rua de Pacatuba e Praça Olímpio Campos.

A Sagrada Imagem de Nossa Senhora da Conceição será conduzida, como nos anos anteriores, num rico carro triunfal, artisticamente iluminado, decalcado num motivo de exaltação da grandeza da Mãe de Deus.

No término da Procissão, Bênção do SS. Sacramento, em frente à Catedral. Solemnia Verba pelo Exmo. Sr. Bispo Diocesano. Delicadas e entusiasmadas aclamações a Nossa Senhora da Conceição.

A noite, a Imagem de Nossa Senhora da Conceição ficará exposta à visita dos fiéis, que receberão, por essa ocasião, uma significativa lembrança das festividades.

Durante todo o tempo das Solenidades, vários sacerdotes, pela manhã, à tarde e à noite, estarão à disposição dos fiéis para atendê-los de confissão. Cada filho de Nossa Senhora fará sua comunhão no ensejo da sua Festa. Um intenso trabalho de preparação, pelo pulpito, imprensa e rádio, despertará a Diocese, para as grandiosas homenagens à querida Padroeira.

Todas as solenidades, inclusive a Missa Pontifical e a grandiosa Procissão do dia 8, serão irradiadas pela P. R. J. 6 — Rádio Infância de Sergipe.

Durante a Procissão, possantes autofalantes, colocados ao longo de todo o itinerário, dirigirão os fiéis, no sentido de cantarem os mesmos hinos e receberem uma orientação uniforme do sacerdote locutor.

Será locutor das solenidades, ao microfone da P.R.J.6, o Padre Luciano Duarte.

Aracaju, 11 de Novembro de 1951, 25.º Domingo depois de Pentecostes.

Fonte: Jornal A Cruzada. Aracaju.1951.Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

MATÉRIA INFORMANDO O SIGNIFICADO DAS MISSAS DE NATAL EM ARACAJU

ei deve compreensões com armas novas e inspeção geral duro próximo, para atos radioativos na ciência, ameaçando lações.

presenta o seguinte da pela guerra nua e das mais raras ru pano mortuário a inumeráveis viti-cidos ou dispersos, na agonia. Entre-spede todo socorro exoravelmente para

seja realizada mo-ao encargo de um e a prova necessá-ritas medidas.

ode significar atra-a o uso da energia as investigações a nos meios de trans-missão as trocas de os componentes das isotopos radioativos doenças gravíssimas air; a produção de abre à história do ntes".

política estreita que ste esforço para eli-vas proféticas, pro-s recentes acomodi-ntre povos europeus a uma justa e pro-ís adverte contra o inimigo.

ioso do Vaticano de-grandes vias mari-condenou a guerra me de genocídio e asos na Hungria.

DE COMUNIDADE rferência Internacio-ístria (42-96), Pio-las comunidades de a evolução social, se dos contritos en-n, "não se contrita pra e trabalhar; con-idade humana, que sociedade na indús-riana deve oferecer

-Nossa Missa-

A Igreja celebra, no Nasci-mento do Nosso Irmão, uma triplice alegria. A grande fonte da alegria da Igreja é do mundo é a Santa Missa. Pois, na Festa do Natal, são tão imensas as alegrias da Santa Igreja, que são celebra-das três Missas. Somos felizes: "hoje a luz brilhará sobre nós" pois, "nasceu um menino" (IN-TROITO). O mundo escuro do pecado e do vício foi aclarado pela grandeza da luz da Ver-dade, daí, porque, pedimos, na ORAÇÃO a Deus, que nos con-ceda a graça de conhecermo-nos o claro da verdadeira luz a fim-de que possamos renun-ciar à impiedade e às paixões mundanas, e vivermos quais herdeiros da vida eterna (EPISTOLAS).

Somos felizes porque o "Se-nhor nos fez conhecer a nossa salvação" e revestiu-se de ma-gestade (GRADUAL — ALE-LUIA). Aprendamos a viver uma vida ofertada na Paten- e a saber receber o Senhor, que chega em nosso Natal, de alma e coração puros. Saiba-mos conhecer o Senhor que chega nas manifestações da Sua Graça. "Veio para o que era seu e os seus não o rece-beram", eis a lição do EVAN-GELO. Precisamos saber racio-ná-lo em nossas existências, incarnando-O em tudo que fa-zemos, pregamos e pensamos. Os homens são tristes porque não vivem o Mistério do Na-tal. Façamos como o OFER-

trabalho, para a nossa vida, a certeza de que apareceu a bon-dade e humanidade do Salva-dor nosso Deus, não por causa das obras de justiça que temos praticado. Mas, por causa de sua misericórdia, Ele nos sal-vou. Com o Natal a iniquidade foi apagada da terra. Saltemos viver o nosso Natal na peren-sidade e na fidelidade à Memó-ria do Cristo Jesus, e o mun-do será alegre, será feliz.

Cançemos a alegria do Na-tal, purificando cada vez mais e cada vez melhor a nossa al-ma, o nosso coração.

Dia 25 de dezembro: Missas próprias do Natal do Se-nhor, Glória — Credo — Prefácio e Comunicantes de Natal. Pargmento: alvo.

TÓRTO, da Primeira Missa do do pecado, do ódio e da men-tira foi destruído, foi amigui-lar do Senhor, pois, Ele veio. E ele que é a salvação e a Vida está conosco. Somos filhos da Graça e como tais devemos, a-mando, viver a justiça e a equidade, base do trono di-vino.

O Natal é a festa da Comu-nidade, todos se unem no berço de Nazareth e a uma voz pedimos: Santifica pelo novo Natal, ó Senhor, as ofertas que vos apresentamos e purifica-nos das maldades de nossos pecados (SECRETA). O Natal é a festa da alegria e da grati-dão. É o grande mistério o, encarnação em que Deus en-dá o seu Filho, e Cristo Jesus, revelando Deus, se faz nos-so Irmão. "Nas trevas uma luz alevou-se sobre os retos de co-ração: o Senhor é misericor-dioso, clemente e justo". salvação do mundo chegou, le-vando a todas as criaturas: misericórdia e o perdão, a gra-ça e a redenção (COMUNIO).

O homem velho, o homem

VENDE-SE

1 Machina Remington Co-mercial nova. 1 Rádio-E-tertia grande 4 faixas per-feito. 1 Balança 1.000 kilo-nova. Preços de ocasião. Rua São Vicente 24

Fonte: Jornal A Cruzada. Aracaju.1956.Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

MATÉRIA REFERENTE AOS PRESÉPIOS EM ARACAJU

...mas, que a unanimidade não se obteve, e o assunto está sendo tratado com menor fervor. Repentinamente surgem outras notícias e outras alianças eleitorais. Será que os partidos vão até agosto, para indicar seus candidatos, como aconteceu em 1937?

xxx

No último dia de dezembro passado, o Cdn. José Gonçalves da Freitas apresentou à Diretoria do Atílio Branco e sua renúncia do cargo de Capela daquela instituição, posto que vinha ocupando há vários meses. Por motivos de saúde, a estimada Capela encerrará suas atividades junto aos velhinhos a quem vinha prestando, com dedicação e bondade, a assistência religiosa.

xxx

No próximo dia 8 realizaremos, mais uma vez a tradicional Festa do São Beneditto, na Igreja do São Salvador. Pela manhã, às 8h., haverá a Missa Festiva, e à tarde a procissão do glorioso santo peregrinará a cidade. A transumida do São Beneditto está enviando todos os esforços para o maior brilho da festa, e avisa que será proibido soltar foguetes de fogo, durante a procissão.

xxx

Vinjam para o Chile o ruído. Pe. Luávnia Andrade, professor de Espanhol e Literatura Hispano-Americana na Faculdade de Filosofia do Sergipe. A viagem do estimado e culto sacerdote se prende a estudos relacionados com sua cátedra.

O Pe. Cavaleiro deverá estar de volta a Sergipe no próximo mês de março.

xxx

A partir de hoje, entra de férias o nosso diretor, Pe. Luciano Duarte. Ficará em seu lugar, na direção desta folha, o sr. Luís Rabelo Leite, coadjuvado pelo Conselho Redacional. Nos seus próximos números o nosso jornal vai circular com 4 páginas, pois dará férias a alguns dos seus operários. O nosso diretor retornará o seu posto na segunda semana de fevereiro.

xxx

A partir do próximo número, o nosso jornal aparecerá com sete colunas, no lugar de seis, como vem sendo composto. Esta modificação, no mesmo tempo que torna a feição do nome feita mais moderna, atende a conveniência do jornal.

O movimento anuncia ainda, para dentro de poucos dias, mais dois livros, da autoria ambos do escritor José Augusto Garçon, e publicados às suas expensas.

Num meio provinciano como o nosso, onde todas as realizações de índole cultural lutam com tremendas dificuldades: a exiguidade do ambiente, a pouca repercussão do trabalho, a carência de recursos materiais, em face de tamanhos obstáculos, a realização de José Augusto Garçon se apresenta com laivos de

Já com algum atraso de nossa parte, queremos registrar o aparecimento da Revista do Sergipe, publicação da Escola do mesmo nome, aparecida em novembro de 1953.

Em escassa apresentação da Livraria Regina, a Revista oferece artigos de valor, da lavra do seu eminente diretor, dr. Gonçalo Rollemberg Leite, do dezembro. Enxoch Santiago, do dezembro. Humal Santafior Cardo-

so, do dr. Manoel Ribeiro, e do dr. Carvalho Neto.

Tras ainda um longo registro em torno do falecido primeiro diretor da Faculdade, desemb. Otávio Leite, e algumas colaborações de acadêmicos da citada Escola.

Sendo uma manifestação do espírito de estudo e trabalho que

Com os nossos aplausos, ao dr. Jairo de Mesquita, aqui fica a nossa confiança de que ele prosseguirá os trabalhos, não os deixando assustar a especulação proibida.

preside a vida da Faculdade de Direito do Sergipe, a sua Revista vale também como uma demonstração do valor e do preparo dos seus mestres.

Aqui ficam os parabéns de "A Cruzada" aos que fazem a Revista da Faculdade de Direito do Sergipe.

los presépios. Quasi todas as famílias cristãs erguem a sua meiga homenagem ao Menino Deus, num canto de sala, na planície ornamentada de um nível mais amplo. Muitas são, porém, as que não se contentam com o simples e modesto e se entregam a uma decoração de maior porte. Estas são, quando sempre, os salões de uma tradição, que vem de longe, tramado no bojo dos séculos o momento das celebrações, a grandeza dos costumes passados, a lembrança da "percepção" dos presépios.

Além disso, hábito manjado de piedade e de curiosidade, que levava muita gente a visitar todos os presépios de cidade.

Além está o presépio de d. Emerenciana Rafael, à rua de Propriedade, 415, amplo, arrojado, armado com gosto e com amor, e que no próximo ano completará o seu 25º aniversário. A decoração vegetal que o enfeita, a sugestão das arvores brancas do deserto, com as suas pirâmides bonitas, as figuras de pastores e animais, não tem termo capote, tomado à beira da terra e à poesia das colinas, para envolver a pérola da manjedoura.

Além está também o presépio de Fernandes da Silva Quintal, hoje em mãos de José Luiz Vasconcelos (Camilo), à rua Siqueira 488, talvez o mais velho, e sem dúvida um dos mais curiosos da cidade. E pelas várias ruas, pelas casas várias, os presépios se multiplicam, numa pacífica rivalidade de gosto artístico e de riqueza.

E não cometemos o lapso de esquecer o belo conjunto que a Catedral recebeu do presente, neste ano, ofertado por mão generosa e cora-

ção cheta de fé. São, se é o mais novo da cidade, é sem favor de mais belos presépios de Aracaju.

xxx

Que é que tem com que a alma cristã se comova e se desale, em feliz contemplação, diante do Menino rutilante, e da imagem da Virgem, de José, e dos pastores, e dos Magos? Que é que entretém velhos e crianças no mesmo êxtase embevecido, diante das palhaças de triço, que cercam aquele que um dia se fará Rei?

E' claro que, antes de tudo, é a fé. A fé, a mesma fé que aquece a alma do homem e ilumina o rosto do menino.

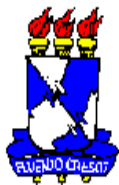
Mas, além da crepúsculo, diante do presépio todas as nos transumam na infância. Nesta infância que é segredo iluminado, insubstituível mistério, pátula que ainda se não chama, integradora, pura. O homem carregará sempre, em si, a criança que foi. E em busca de um ideal de criança é que andará sempre o cristão, pois quem não se fixar como os pequeninos, nem sequer entrará no Reino. Por isto é que, diante do presépio de Jesus, a humanidade, do doce encanto desproporcionado da infância nos envolve. Cada um se sente (ou se deveria) mais pequeno, mais livre, mais perto de Deus, mais criança.

E esta vida do bem, esta vida que a fé do Senhor, não há de ser travestida ou imitada. Pois não é isto que nos diz o Deus que se fez criança, e nos estende, da canção do presépio, as doces mãos infantis, que desentão os nossos pulsos e libertarão os nossos olhos?

Fonte: Jornal A Cruzada. Aracaju.1954.Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

ANEXOS III

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS E CARTAS DE CESSÃO



Centro Educação e Ciências Humanas

Departamento de História

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS

ENTREVISTA I

Entrevistado : Leopoldo Moreira Andrade (ex-componente da Chegança do Zé do Pão)

Entrevitador: Helba Rocha do Nascimento

Data: 14/10/2008

Horário: 14:50 h

Local: Rua Guaporé, nº 610, Siqueira Campos, Aracaju-SE.

1-DADOS PESSOAIS:

Entrevitador: Qual o nome do senhor?

Entrevistado: Leopoldo Moreira Andrade

Entrevitador: Qual a data de nascimento

Entrevistado: Mil novecen..., vinte de abril de mil novecentos e vinte.

Entrevitador: Onde o senhor nasceu?

Entrevistado: Nasci na cidade de Capela, na rua das flores.

Entrevitador: Qual a profissão do senhor?

Entrevistado: Condutor de veículo de tração animal, carroceiro.

Entrevitador: Qual o seu estado civil?

Entrevistado: Casado, quer dizer, viúvo, agora enviuei.

Entrevitador: Qual a religião do senhor?

Entrevistado: Católico

Entrevitador: Qual o seu endereço atual?

Entrevistado: É rua Guaporé, seiscentos e dez

Entrevitador: Quando o senhor veio morar em Aracaju?

Entrevistado: Fevereiro de 1938.

Entrevitador: Veio com quem?

Entrevistado: só, minha mãe e meus irmãos.

Entrevitador: Por que vocês vieram?

Entrevitado: Viemos morar e trabalhar.

2-PERGUNTAS ESPECÍFICAS SOBRE AS FESTAS NATALINAS DA PRAÇA DA MATRIZ EM 1940 E 1950:

Entrevitador: Qual era o nome da praça quando o senhor chegou?

Entrevitado: Olímpio Campos, já era Olímpio Campos, a praça da Matriz né? Como todos chamam

Entrevitador: Quando o senhor começou a freqüentar essas festas?

Entrevitado: Em 1940, porque logo quando eu cheguei fui trabalhar nas fazendas aí não fui logo não.

Entrevitador: O senhor ia com quem?

Entrevitado: Ah, ia mais os amigo, naquele tempo não andava só, algumas vezes eu fui mais a mulher mas ela não gostava muito de andar lá não.

Entrevitador: Quando o senhor ia participava de quê?

Entrevitado: A missa, que era à noite, eu gostava muito de passear, de jogo eu não participava não, meu negócio era passear, tomar uma croaca.

Entrevitador: O que era a croaca?

Entrevitado: Ah, era a cachaça limpa, cerveja era só pros ricos.

Entrevitador: Quem organizava esse evento?

Entrevitado: Era a prefeitura.

Entrevitador: Qual o prefeito da época? O senhor lembra?

Entrevitado: Ah, lembro, na época que eu cheguei aqui era Godofredo Diniz Gonçalves.

Entrevitador: Havia alguma preparação ante de começarem as festas?

Entrevitado: Sim, os preparatórios eram a tradição, cada bairro organizava uma feira, com tudo, parque, só o carrossel do Tobias que não saía, acontecia no Siqueira Campos, Carro Quebrado, que hoje é São José, Santo Antônio, 18 do Forte e depois tinha a festa central lá no centro da cidade, no parque.

Entrevitador: Quem freqüentava? Ricos e pobres?

Ah, era todo mundo era uma festa popular, era a mais importante.

Entrevitado: O senhor já presenciou alguma discriminação?

Não, não, não, não, não tinha nenhuma discriminação não, nunca presenciei, todo mundo era igual.

Entrevitador: Havia outros locais para a realização das festas de natal?

Entrevitado: O Recreio Club, a Associação Atlética, agora só ia quem era sócio. Mas tinha também as casas dançantes tinha uma em cada bairro e ia todo mundo.

Entrevitador: O senhor pode me descrever o que acontecia em cada espaço da praça? As feirinhas de natal onde aconteciam?

Entrevitado: As feirinhas pegava toda a praça, era toda ao redor, a Catedral ficava no meio da Praça, ali atrás ficava rua do Egito, por ali tinha muitos jogos, as roletas, bebidas, ali eu não ia não. Na frente dela havia várias barracas que vendiam balões, comidas, lanches, tinha o parque, o brinquedo que as crianças mais freqüentavam era o carrossel do Tobias.

Entrevitador: Era caro o ingresso do parque?

Entrevitado: Não, era preço popular, o carrossel era o que mais andava.

Entrevitador: Quais os alimentos que ali vendiam?

Entrevitado: ah, arroz com galinha, pipoca, maçã melada...ah, era muita coisa...

Entrevitador: Fale-me sobre os grupos que se apresentavam ali?

Entrevitado: Ah, tinha um palanque ali ao lado da catedral, dançava o reizado, nós da Chegança, eu brincava todas as noites.

Entrevitador: O senhor fez parte de algum grupo?

Entrevitado: Sim, dancei na Chegança.

Entrevitador: Quem era o líder?

Entrevitado: Zé do Pão.

Entrevitador: Dançou durante quanto tempo?

Entrevitado: Ah, quatro anos... dancei mil novecentos e quarenta e um, perai, a Chegança foi em mil novecentos e quarenta e dois, dancei em mil novecentos e quarenta e dois, mil novecentos e quarenta e três, mil novecentos e quarenta e quatro, mil novecentos e quarenta e cinco e mil novecentos e quarenta e seis.

Entrevitador: Quem lhe convidou?

Entrevitado: Ah, foi o Zé do pão.

Entrevitador: Na sua família alguém já havia dançado nesse Chegança ou em outros grupos?

Entrevitado: Não, só eu mesmo.

Entrevitador:As pessoas gostavam de ver as apresentações?

Entrevitado:Ah, gostavam muito, nós era a tração, todo mundo cantava, dançava...ah, ia muita gente.

Entrevitador:O senhor era qual personagem?

Entrevitado:Ah, eu era o Capitão-Tenente.

Entrevitador:Qual a função?

Entrevitado:O Capitão-Tenente, o Capitão-Tenente dava as ordens.

Entrevitador:Havia quantos componentes?

Entrevitado:Ah, era, era dezesseis, dezesseis a vinte.

Entrevitador: De onde eram as pessoas que faziam parte do grupo?

Entrevitado: Ah, eram pessoas humildes como eu que dançava ali por amor, é porque nós não tinha ajuda de ninguém, nós dançava era por amor mesmo.

Entrevitador: Dançava homens e mulheres?

Entrevitado: Não, só brincava homem, mulher não brincava não.

Entrevitador: O que contava a Chegança?

Entrevitado: Era a briga dos mouros e cristãos nera? Eu ouço falar...

Entrevitador: Quais os instrumentos musicais do grupo?

Entrevitado: Ah, era dois pandeiros

Entrevitador: Como iniciavam as apresentações?

Entrevitado: Primeiro agente fazia a oração do padre nosso em frente a igreja depois ia pro palanque pra se apresentar e de lá virava a noite. Tinha a morte do piloto, ele não se dava com o capitão-patrão aí tinha uma luta entre eles , depois tinha as batalhas entre a mourama e os cristãos, e no final tinha a luta final que os mouros eram derrotados e batizados pelos cristãos.

Entrevitador: Durava quanto tempo cada apresentação?

Entrevitado: três aquatro hora, as vezes não dava tempo porque a nossa era a mais longa.

Entrevitador: Como vocês chegavam ao local das apresentações?

Entrevitado: A Prefeitura dava um caminhão que saia de bairro em bairro pegando os grupos para levar até o local, eram as quadrilhas, os reizados, nós da Chegança e outros.

Entrevitador: Dançava em que época o grupo?

Entrevitado: Que eu me lembre só no natal e festas de reis eram cinco a seis dias

Entrevitador: Como eram as roupas?

Entrevitado: Ah, era o terno branco, agora tinha também os marinheiros que usavam azul. De Tenete pra cima a roupa era branca. Eu ainda tenho de brim, eu vou lá pegar perai (pausa)...

Entrevitador: Quem arranjava as roupas?

Entrevitado: As roupas? (risos), ah, era nós que juntava dinheiro e mandava fazer...ninguém dava a nós não.

Entrevitador: Quem eram os personagens?

Entrevitado: Os personagens cristãos eram: Comandante de Guerra, considerado o chefe maior; Capitão-Tenete (1); Capitão-Capelão (01), Capitão-Médico(01); Capitão-Patrão; Capitão-Piloto (01), estes faziam a permuta para comandar a Chegança e sempre entravam em atrito ; Almirante (01); Tenete-Artilheiro (02); Guarda-Moria (02); Grajeiro grande; Cabo-Guardião, Pandeiristas (02) e marinheiros que serviam para completar o grupo. Com relação aos personagens que representavam os mouros, senhor Leopoldo apenas citou o Rei (01) e Embaixador (02).

Entrevitador: O Senhor lembra de alguma música?

Entrevitado: Não lembro muito não... nós entramos pela barra a dentro, nós entramos pela barra a dentro, sua tristeza corre pro mar, sua tristeza corre pro mar , nós avistamos o navio da proa, nós avistamos o navio da proa, nos dê licença pra nós entrar, nos dê licença para nós entrar...

Entrevitador: Quem fazia essas músicas?

Entrevitado: Ah, umas era vinda já de outros grupos que já tinha criado, outras era nós que fazia, mas assim, não lembro muito não.

Entrevitador: Por que saiu do grupo?

Entrevitado: Ah, fiquei com um problema na garganta que peguei no frigorífico e depois disso não tive muita saúde pra brincar.

Entrevitador: Finalizando a entrevista, para o senhor o que significava aquelas festas?

Entrevitado: Ah, aquelas festas era um orgulho, uma tradição para todos nós, que vinha gente de todo Estado e do Brasil, porque tinha pessoas daqui que tinham parentes lá fora e quando era essa época eles vinham.

ENTREVISTA II

Entrevistado (a): Ruth Lima de Andrade (Nora de Zé do Pão)

Entrevitador: Helba Rocha do Nascimento

Data: 22/11/2008

Horário: 16:50 h

Local: Rua Guaporé, nº 301, Siqueira Campos, Aracaju-SE.

1-DADOS PESSOAIS:

Entrevitador: Qual o nome da senhora?

Entrevistado: Ruth Lima de Andrade

Entrevitador: Qual a data de nascimento da senhora?

Entrevitado: Dezesete de agosto de mil novecentos e trinta e dois.

Entrevitador: Onde a senhora nasceu?

Entrevitado: Nasci na cidade de Capela.

Entrevitador: Qual a profissão da senhora?

Entrevitado: Sou professora aposentada.

Entrevitador: Qual o seu estado civil?

Entrevitado: Casada com Valdomiro de Andrade.

Entrevitador: Qual a religião da senhora?

Entrevitado: Católica

Entrevitador: Qual o seu endereço atual?

Entrevitado: Aqui na rua Guaporé, trezentos e dez.

Entrevitador: Quando o senhor veio morar em Aracaju?

Entrevitado: Ah, faz tempo, não me lembro.

2-PERGUNTAS REFERENTES AO LÍDER DA CHEGANÇA DO ZÉ DO PÃO:

Entrevitador: Qual a relação que a senhora tem com o líder da Chegança do Zé do Pão?

Entrevitado: Eu sou nora dele, casada com Valdomiro que é filho dele.

Entrevitador: Primeiramente, por que o apelido Zé do Pão?

Entrevitado: Ah, é porque ele era o padeiro da Marinha Mercante, aí todo mundo chamava ele de Zé do Pão.

Entrevitador: Qual o nome de Zé do Pão?

Entrevitado: O nome dele era José Lima de Andrade.

Entrevitador: A senhora lembra a data de nascimento dele?

Entrevitado: dezenove de março de mil oitocentos e noventa e oito

Entrevitador: Ele ainda é vivo?

Entrevitado: não, morreu em sete de novembro de mil novecentos e setenta e oito.

Entrevitador: Onde ele nasceu?

Entrevitado: Em Capela, mas veio pra cá.

Entrevitador: Onde ele morava?

Entrevitado: morava na rua Laranjeiras, não lembro o número

Entrevitador: Era casado?

Entrevitado: Era com Maria Gomes de Andrade

Entrevitador: Tinha Filhos?

Entrevitado: Tinha oito

Entrevitador: A senhora lembra quando ele formou o grupo? E por quê?

Entrevitado: Olhe, quando eu casei com o filho dele eu já ouvia falar que ele já brincava, mas eu não lembro assim desde quando não, mas sei que faz tempo.



Universidade Federal de Sergipe
Centro Educação e Ciências Humanas
Departamento de História

Carta de Cessão

Ao Programa de Documentação e Pesquisa Histórica/PDPH/UFS

Eu, **Leopoldo Moreira Andrade**, viúvo, residente à **Rua Guaporé, Bairro Siqueira Campos desta capital**, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, realizada em 14/10/2008, e transcrita em 16/10/2008 para que pesquisadores vinculados à instituição mencionada a utilizem com o objetivo restrito de investigar e produzir conhecimento científico.

Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculado o controle do Programa de Documentação e Pesquisa Histórica/PDPH/UFS que passará a ter a guarda deste material.

Abdicando direitos sob a parte relacionada, o que faço também a meus descendentes, desde



Universidade Federal de Sergipe
Centro Educação e Ciências Humanas
Departamento de História

Carta de Cessão

Ao Programa de Documentação e Pesquisa Histórica/PDPH/UFS

Eu, **Ruth Lima de Andrade, casada, residente à Rua Guaporé, Bairro Siqueira Campos desta capital**, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, realizada em 22/11/2008, e transcrita em 05/12/2008 para que pesquisadores vinculados à instituição mencionada a utilizem com o objetivo restrito de investigar e produzir conhecimento científico.

Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculado o controle do Programa de Documentação e Pesquisa Histórica/PDPH/UFS que passará a ter a guarda deste material.

Abdicando direitos sob a parte relacionada, o que faço também a meus descendentes, desde que obedeçam a condições alencadas;

Em conformidade como o exposto, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

Aracaju, 27 de 12 de 2008.

Ruth Lima de Andrade

